

PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO BILÍNGUE: ASPECTOS CULTURAIS DO POVO DJEOROMITXI (DJEOROMITXI HÕNÕ NÕTXI)

André Jaboti¹

Orientador: professor Dr. Fábio Pereira Couto

Resumo:

O objetivo central deste trabalho é de compartilhar resultados preliminares de ações desenvolvidas em pesquisa desenvolvida durante os anos 2017, 2018 e 2019 com o propósito de elaboração de material didático para o ensino e fortalecimento da língua e da cultura Djeoromitxi (Família Macro-Jê). Nesse sentido, e pensando em suprir minimamente a falta de matérias pedagógicas na escola em que sou professor, na Aldeia Baía da Onças em Rondônia, optei por trabalhar na produção de materiais didáticos. Assim, durante esses anos, no curso de Especialização em Educação Escolar Indígena da Unir, pude desenvolver várias oficinas e pesquisas na escola da comunidade Djeoromitxi, que fomentou a produção do livro didático, intitulado “Aspectos culturais do povo Djeoromitxi - *Djeoromitxi hõnõ nõtxi*”. Esse material foi produzido com a fundamental participação dos alunos do Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano e de professores indígenas da escola da comunidade. Não obstante, a participação de parentes e anciões também foi importante para melhor descrever os aspectos específicos da cultura e da língua do povo Djeoromitxi, que foi foco desse material. Assim, espero que esse livro em perspectiva bilíngue, inter e transdisciplinar, podendo, assim, ser utilizado em vários níveis de ensino, seja o primeiro de muitos que ajudarão a fortalecer ainda mais o ensino da língua e da cultura do povo indígena Djeoromitxi.

Palavras-chave: Livro didático. Escola Indígena. Ensino Bilíngue. Fortalecimento da Língua e da Cultura Djeoromitxi.

Introdução

O presente artigo tem como foco principal relatar as atividades desenvolvidas durante o Curso de Especialização em Educação Indígena da Universidade Federal de Rondônia no *campus* de Ji-paraná, nos anos de 2017 a 2019, que teve como uma das linhas de pesquisa: fomentar a produção de materiais pedagógicos, mais especificamente a produção de livro didático. Nesse sentido, procuramos desenvolver a pesquisa neste âmbito para que pudéssemos produzir um material didático, principalmente com foco na leitura,

¹ Graduado em Educação Intercultural pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Aluno de especialização em Educação Indígena da UNIR. Professor de escola indígena pela Secretaria de Educação do Estado de Rondônia (SEDUC).

produção de texto e no ensino da língua numa perspectiva bilíngue (Djeoromitxi-Português) para que professores e alunos Djeoromitxi, que sofrem com a carência de materiais diferenciados e específicos sobre a cultura e língua da etnia Djeoromitxi, pudessem ter pelo menos esse material, que inclusive servirá como teste para que outros materiais semelhantes possam ser produzidos. Essa primeira edição do livro didático está voltada principalmente para o 6º aos 9º anos da escola da aldeia Baía das onças, que nesse momento não contam com nenhum livro para os alunos do Ensino Fundamental na escola Alexandrina do Nascimento Gomes. Assim, este livro didático servirá tanto para o reconhecimento e conhecimento de elementos culturais próprios do povo como também para o fortalecimento da língua indígena da comunidade.

A minha motivação principal em desenvolver a pesquisa para produção desse material foi tentar suprir minimamente uma carência evidente: a falta de materiais pedagógicos para serem trabalhados na escola indígena. Nesse sentido, procurei escrever um livro na língua Djeoromitxi para que os alunos possam ter um material para acompanhar a escrita e a leitura na língua nativa. Contudo, procuramos também, de certa maneira, promover parte do material em língua portuguesa, com uma forma de que o material possa ser utilizado de forma bilíngue.

Este trabalho teve como um dos objetivos iniciais de investigar a contribuição da formação dos professores indígenas para a instauração de políticas de fortalecimento da língua e cultura Djeoromitxi na comunidade Baía das Onças. Então a questão que eu quis responder foi: (i) Qual a real necessidade de materiais pedagógico da escola indígena da aldeia Baía das Onças?; (ii) Que tipo de materiais didáticos poderia ser produzido de forma inicial para contribuir para o ensino da cultura e da língua do povo Djeoromitxi? Além dessas questões, também pensei ser necessária, mesmo que de forma secundária, saber: (iii) A formação dos professores Djeoromitxi da Baía das Onças contribuiu e/ou está contribuindo para uma prática de fortalecimento cultural e linguístico na comunidade? Nesse sentido, procurei entender, ou confirmar que as formações que os professores Djeoromitxi participaram, como o Projeto IAMAR, Projeto AÇAÍ e Licenciatura Intercultural da Unir de Ji-Paraná, que foram importantes no processo de formação dos professores indígenas.

Para desenvolver o presente artigo, procurei estruturá-lo com os seguintes temas centrais: (i) Povo Djeoromitxi – rememorando tempos de maloca e tempos atuais; (ii) 2.

Aspectos sociolinguísticos da comunidade e da escola da Baía da Onças:

metodologia e pesquisa de campo; (iii) Formação de professores indígenas: breve reflexão e (iv) O livro didático “aspectos culturais do povo Djeoromitxi - Djeoromitxi hõnõ nõtxi” - relatório de produção, além da introdução e conclusão.

1. POVO DJEOROMITXI – REMEMORANDO TEMPOS DE MALOCA E TEMPOS ATUAIS

1.1 O povo Kurupfũ

Os mais velhos contam que os Djeoromitxi são chamados assim, mas na verdade eles eram um povo chamado de Kurupfũ, que em português significa buriti. Este povo teve em contato com os hoje conhecido como Djeoromitxi e acabou quase desaparecendo devido aos casamentos entre Djeoromitxi e Kurupfũ, também às grandes epidemias. Tudo isso levou ao quase desaparecimento de nossa história. Por isso que hoje o povo é chamado de Djeoromitxi, mas ainda, principalmente os mais velhos, gostariam de serem conhecidos com Kurupfũ. Passo a contar um pouco desta história.

1.2 Kurupfũ: dois povos e uma história ainda não contada.

Como conta os mais velhos, os Kurupfũ eram um povo separado dos Djeoromitxi, eles não tinham contato cultural e nem linguístico com os Djeoromitxi. Eles não entendiam nada da língua Djeoromitxi, pois os Kurupfũ tinham sua língua e cultura própria, diferentemente dos Djeoromitxi. As características físicas dos Kurupfũ eram bem distintas dos outros indígenas, eram altos, brancos, cabelos não muito negros. Um dia chegou na roça dos Kurupfũ uma família Djeoromitxi, pai, mãe, filho e filha, refugiados do ataque de um bicho chamado na nossa língua Djeoromitxi de *tepori nõtxi*, que seria um bicho bem grande parecido com gente, mas tinha muito cabelo no corpo, que acabou com o povo Djeoromitxi. Contava os velhos Djeoromitxi que os bichos, era um casal, um macho e uma fêmea, usavam uma luz como um lampião que iluminava a maloca toda. Assim eles entravam na casa das pessoas a noite e ia rasgando o peito delas com suas unhas, tiravam o fígado e colocava no *maríco* da mulher dele. As pessoas não acordavam, ficavam adormecidas, eles tinham um mistério que a pessoa dormia e não acordava quando ele atacava.

Assim foi acabando o povo Djeoromitxi. Só essa família escapou porque o chefe da família era pajé. Chegando à beira da roça, a família fugitiva, mais ou menos cinco horas da tarde, fez um *tapiri* e passou a noite sem dormir, sentados à beira de uma fogueira. De madrugada, quando o jacu bate as asas sabemos que já é madrugada, o velho Djeoromitxi

levantou e fez seu foguinho para esquentar a folha de tabaco que chamamos de *padji ku* na língua Djeoromitxi. Às sete horas da manhã, o velho pediu para seu filho subir em uma árvore bem alta que chamamos de *bodjerirü* – laranjinha em português. Seu filho subiu e ficou olhando de cima da árvore para a roça, para ver quem ia chegar lá, pois não sabia qual povo era o dono daquela roça. Dali a pouco, lá vinha um casal de velho Kurupfü para trabalhar na roça, arrancar mato com a ponta da espada. O filho do velho Djeoromitxi fez um sinal que estava chegando gente na roça. Rapidamente ele desceu da árvore e cochichou no ouvido de seu pai, dizendo que era um casal de velhos, mas não sabia de qual etnia. O velho falou para seu filho: - Fique aí com sua irmã e sua mãe, vou tentar pegar ele, se eu não conseguir e morrer, vocês vão embora, me deixem. Agora eu vou tentar pegar eles. Saiu abaixado na direção dos velhos por de trás do toco, até que chegou perto. Deu um pulo como uma onça e agarrou o velho Kurupfü, quando agarrou caiu num pranto desesperador. O velho Kurupfü não entendia nada do que estava acontecendo e ficou sem ação. Sua esposa queria correr, mas o velho disse a ela: - Não corra. Vamos tentar entender o que ele quer, ele está chorando, algo deve ter acontecido com ele. Em alguns minutos, os dois se soltaram e tentaram se entender conversando, então, ficaram calmos e conversaram utilizando gestos. Após a conversa pediu para sua esposa chamar o povo na aldeia e trazer chicha para o homem desconhecido. Chegando lá na maloca, a velha avisou o povo o que tinha acontecido e trouxe a chicha para o desconhecido, como o seu esposo pediu. Os jovens guerreiros Kurupfü vieram armados com arco e flecha ao encontro desse estranho. O filho do velho estava em cima da árvore e de lá comunicava com sua mãe, através de sinal tudo o que estava acontecendo. Ela estava escondida no mato. Chegando na roça, onde estava o estranho, quiseram logo executá-lo, mas o velho Kurupfü disse: - Não matem ele. Eu acho que acabaram com sua família e por isso nós devemos entender o que realmente aconteceu. Logo em seguida, os jovens baixaram as flechas. O pajé djeoromitxi contou com os dedos quantas pessoas estavam ainda no mato, seus filhos e esposa. Os jovens kurupfü foram a procura deles para levá-los até a aldeia e lá estavam eles parados em baixo de uma árvore. Logo foram pegando seus pertences e seguindo os jovens kurupfü para a aldeia. Chegando na aldeia os jovens kurupfü já se interessaram pela sua filha. O velho pajé, então, entregou sua filha para um jovem kurupfü e seu filho casou-se com a jovem kurupfü, assim foram formando família. Penso que esta atitude foi um jeito de criar uma aliança com este povo até então desconhecido e pensando em aumentar a família djeoromitxi. Tanto para o povo djeoromitxi, quanto para os kurupfü os filhos de um jovem kurupfü com uma jovem

djeoromitxi são kurupfü. Se uma Jovem djeoromitxi casar-se com kurupfü, seus filhos são djeoromitxi.

No outro dia, o velho djeoromitxi falou um pouco por meio de gestos e algumas palavras que iam aprendendo da outra língua que os bichos que acabaram com o povo dele iriam chegar ali atrás dele, pois eles sabiam aonde ele tinha vindo, porque conhecia seu cheiro. E disse: -Vamos nos preparar para matá-lo. Todos ficaram bastante assustados e concordaram em esperar os bichos, ou se prepararem para a sua chegada, pois, se os bichos tinham acabado com o povo dele, provavelmente acabaria com os kurupfü também. A preparação dos kurupfü consistia em fazer as flechas e tomar banho de uma folha para se fortalecer contra o poder do *tepori nōti*, para não dormirem, nem sentirem moleza no copo, na hora que eles chegassem perto.

Primeiro fizeram muitas flechas, que na língua se chama *tarahe*, cujo talo é tirado de uma palmeira chamada Ouricuri. Este material é apropriado para matar este tipo de bicho, porque ele fura e não solta, fica grudado no corpo. Depois foram para o banho. Também fizeram dentro das casas um tipo de jirau, chamado na língua de *kabekä*, que é feito de talo de Ouricuri, para esperar o bicho *tepori nōti*. Depois de três dias com tudo preparado, arcos e flechas, o pajé falou para as mulheres, crianças e velhos se juntarem em uma maloca só. O velho djeoromitxi chegou primeiro, pois era nesta maloca que o bicho iria entrar. Quando a tarde chegou, os jovens guerreiros já estavam preparados para o desafio de enfrentar uma fera que não conheciam. O pajé, como já conhecia, preparou também a aldeia para a chegada dos bichos por meio de um ritual. Isso fez com que todos percebessem a sua chegada, pois, se não houvesse a preparação, ele não seria percebido e provavelmente todos morreriam. À meia noite, ouviram o barulho dos animais, que estrondava muito alto na mata. O velho djeoromitxi falou: - São eles, não durmam, pois eles têm um poder muito forte. Se não cuidarem, podem adormecer e os bichos podem pegar vocês. Todos se prepararam, mesmo sem saber direito o que o velho dizia, mas entenderam que os *tepori nōti* estavam chegando e eles tinham que ficar alertas. *Tepori nōti* vinham com uma luz, que clareava a aldeia toda, entrou na maloca, aquela que o pajé havia dito, e começou a falar: - Onde foram minhas comidas? Eles tinham deixado de isca uma velhinha, porque ela não podia subir nos girais e nem andar, ficou deitada na rede, mas ele não quis comê-la. Quando ele virou para porta para sair da maloca, começaram a flechá-los, como estava combinado, flecharam o macho e a fêmea de uma vez, até que os dois saíram no terreiro, logo os jovens desceram dos girais e começaram a flechar no terreiro, ela e ele caíram sobre o solo, mortos. Todos festejaram

muito a vitória e arrastaram os dois para o mato e tocaram fogo nas feras. Depois desta vitória, a família djeoromitxi ficou morando ali por algum tempo, até que a família aumentou, então eles, inclusive a mulher kurupfü, que tinha casado com os djeoromitxi, foram para uma aldeia próxima e continuaram a manter contatos com os kurupfü. Deste contato houve muito aprendizado e troca de conhecimentos.

Os mais velhos contavam que o nosso povo kurupfü, não tinha tabaco, fumava a casca de uma árvore como tabaco, o nome desta árvore na língua djeoromitxi é *padjiku*, não temos conhecimento de como essa planta é chamada em português. Aprenderam a fumar o tabaco com o pajé djeoromitxi. Os korupfü também não choravam quando alguém morria, não enterravam os mortos. Quando se verificava que a pessoa estava realmente morta, o corpo era descartado como o lixo da casa, era colocado no mesmo lugar onde a era depositado o lixo do quintal e coberto por ele.

Também não existia pajé, essa função foi ensinada pelo pajé djeoromitxi. Com relação à língua os dois povos foram aprendendo a língua do outro para se comunicarem. Não é possível afirmar como a língua kurupfü, cuja população era maioria, desapareceu, ficando apenas a língua djeoromitxi, a língua falada hoje pelos indígenas djeoromitxi, assim falava um ancião djeoromitxi: - Essa não é nossa língua não é a língua do povo korupfê. Ele dizia que não aprendeu falar kurupfü, porque saiu muito cedo de perto do pai dele. Ele se criou com família makurap, por isso ele falava makurap, djeoromitxi e algumas palavras em kurupfü. Pode ser que haja na língua hoje palavras emprestadas do kurupfü, mas isso precisava de um estudo mais aprofundado. Não sabemos quanto tempo de contato houve entre estes povos, o que sabemos é que houve muita troca de conhecimento e muitos aprendizados entre eles. Com o contato com não-indígena, veio a epidemia de sarampo acabando com o povo kurupfü, ficando só alguns jovens no meio dos djeoromitxi. Com o tempo o povo kurupfü foi incorporado aos djeoromitxi. Quem se lembra e sabe desta história eram esses jovens sobreviventes do contato. Os não indígenas vieram e reconheceram os dois povos como jabuti como são conhecidos até hoje.

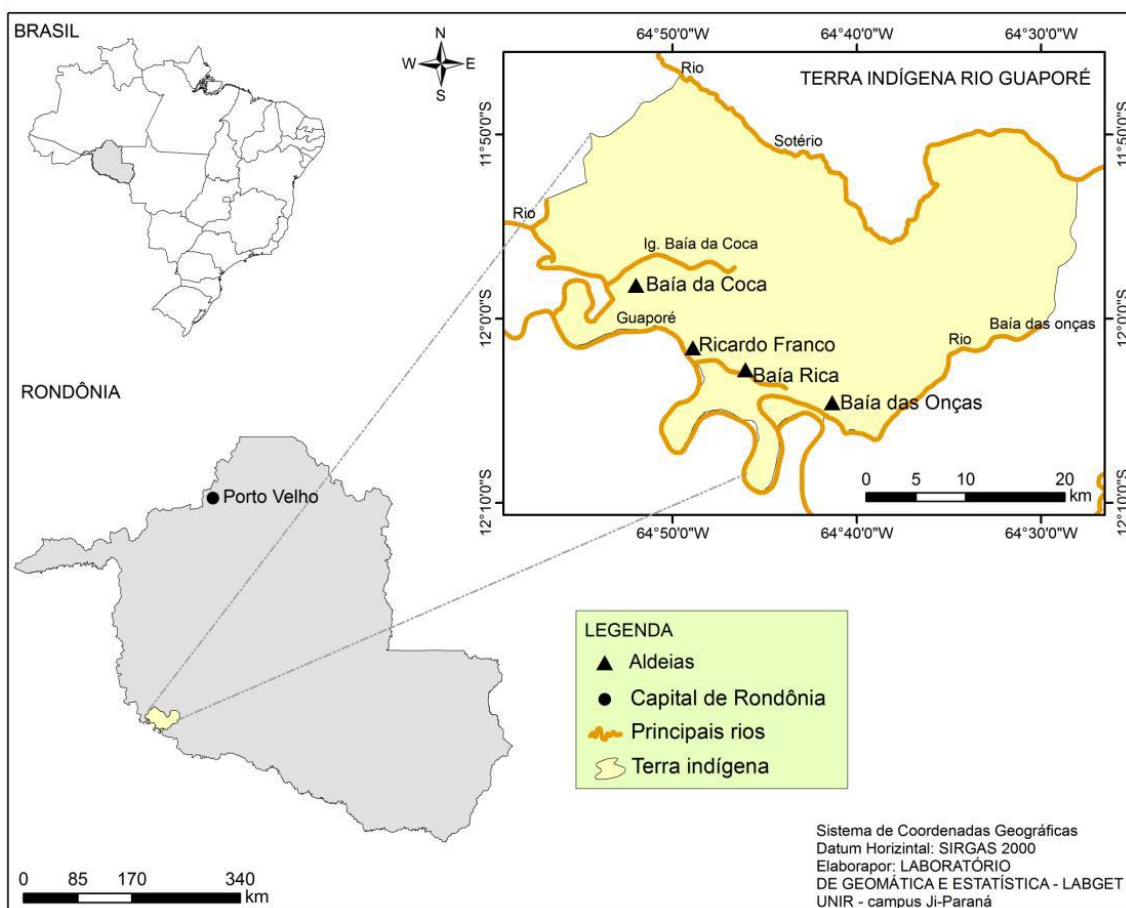
2. ASPECTOS SOCIOLINGÜÍSTICOS DO LOCAL DE PESQUISA: METODOLOGIA E GERAÇÃO DE DADOS

2.1 Local de pesquisa

Este trabalho foi desenvolvido com dois professores indígenas Djeoromitxi, que moram na Baía das Onças, Terra indígena Rio Guaporé. Ou seja, a pesquisa focou os seus esforços na comunidade da Baía das Onças (Ver Mapa 1).

Após a demarcação da Terra Indígena Rio Guaporé, pela FUNAI⁵ no dia 22 de maio, no ano de 1996, com 115.788.084 h, muitos povos que estavam na terra indígena Rio Branco, município de Alta Floresta, como Makurap, Djeoromitxi, Tupari, Ajuru, Arikapu foram trazidos para a Terra indígena Rio Guaporé, Aldeia Ricardo Franco, a fim de garantir que ali não houvesse invasão. A Baía das Onças era apenas um nome do lago, cujo nome foi colocado pelo não-índio muito antes dos indígenas vieram morar ali. Este nome foi dado por causa da grande população de onças que morava por ali.

Mapa 1- Mapa da Terra Indígena Rio Guaporé.



Fonte: FUNAI- Fundação Nacional do Índio².

² Disponível em:

<<http://mapas2.funai.gov.br/i3geo/interface/openlayers.htm?486216f5f99f4342e7a98c06b881fbf0>>. Acesso em: 01 de mar de 2015.

A primeira família a chegar na Baía das Onças foi uma família Cujubim, como conta Manuel Cujubim, que chegou com seus pais ainda criança. Depois veio uma família Makurap, como afirma o senhor Basílio Makurap em sua história. Depois foi chegando mais pessoas, inclusive as famílias Djeoromitxi.

Imagem 1 – Foto da vista aérea da aldeia Baía das Onças.



Fonte: Djeoromitxi, 2015³.

O lugar continua com o mesmo nome até hoje, na época não tinha estrutura física construída por instituições, como escola, posto de saúde, poço artesiano etc. Apenas as casas de palha. Usavam a água da baía para todas as necessidades. Com a chegada da nossa família Djeoromitxi em 1989 a 1990, vindo da aldeia Ricardo Franco, começamos a nos organizar, até porque a população aumentou. Neste período começamos a pressionar a FUNAI para que fizesse a escola. Até que um dia, no ano de 1990 fizemos uma escolinha de palha bem simples com alguns troncos de árvore, fizemos as cadeiras para os alunos sentarem e outros

³ Foto aérea da aldeia Baía das Onças, créditos a Joel Oro Nao’.

para escreverem, a prefeitura entrou com o combustível, nós com o trabalho e os outros materiais.

2.2 A língua Jabuti: Djeoromitxi

Conforme consta nas literaturas sobre o tema (RODRIGUES, 2002, VOORT, 2007, RIBEIRO; VOORT, 2005, DJEOROMITXI, 2015)⁴ muito recentemente, a língua dos Djeoromitxi, assim como a de outras etnias, como as de seus vizinhos, os Arikapú, e a de tantas outras línguas indígena brasileiras (RODRIGUES, 2002) permaneciam praticamente não-documentada, porém, estudos realizados na década de 30, tendo como base de fundamentação algumas listas de palavras existentes, principalmente aquelas produzidas por missionários, apontaram para um parentesco entre estas duas línguas, o que as colocavam como pertencentes à família linguística denominada de Jabuti. Ou seja, o Djeoromitxi (como eles se autodenominam), não pertence a famílias linguísticas maiores, como as dos seus vizinhos da família Tupi, da família Nambikwara ou da família Txapakura. Estudos anteriores, como o do etnólogo alemão, Curt Nimuendajú (2000), apontaram, com base em novas listas de palavras do Arikapú e do Djeoromitxi, semelhanças dessas duas línguas com algumas línguas pertencentes ao troco Macro-Jê, principalmente a família Jê situadas no centro oeste e sul do Brasil, como Xerente, Kayapó, Kaingang e Timbira, por exemplo. Inclusive esta hipótese foi reforçada com estudos mais recentes, como o de Voort (2005), por exemplo, que como base em evidências lexicais e gramaticais adicionais, afirmaram que a família linguística Jabuti possivelmente pertence realmente a alguma família do ramo do tronco linguístico Macro-Jê.

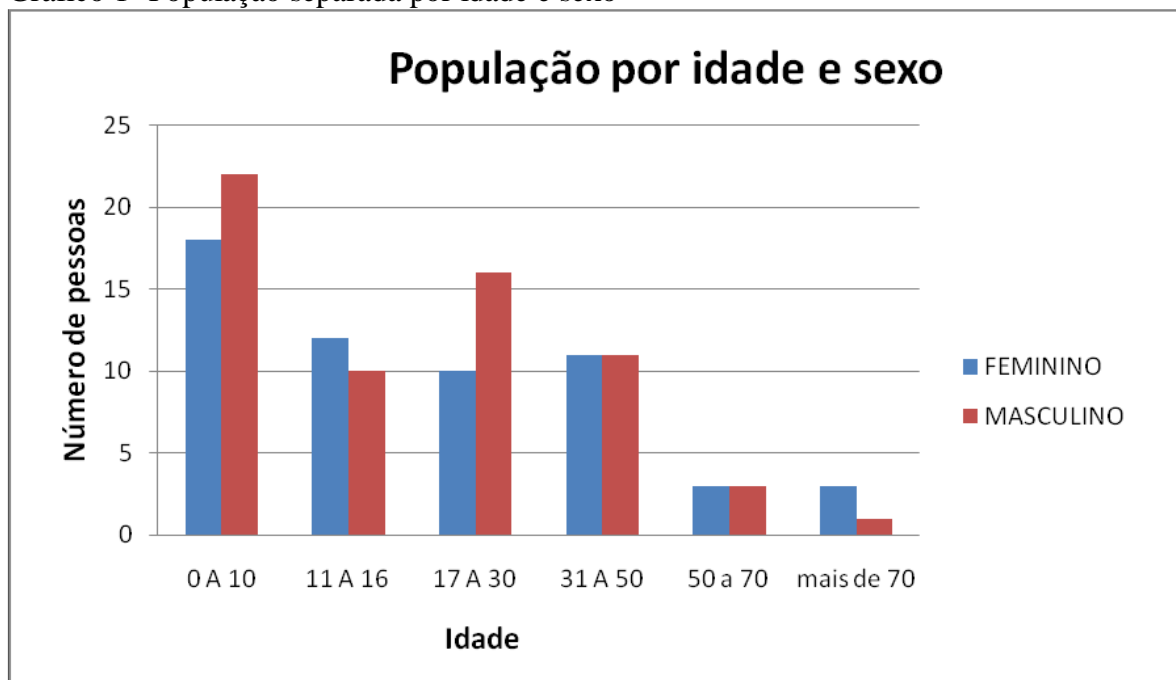
Apesar de indígenas Djeoromitxi falarem a língua indígena, entendemos, que com a pressão vindas da sociedade não indígena e pela pouca população existente, esta língua se encontra em sério risco de extinção, o que nos obriga a aprofundar estudos e documentação desta língua, principalmente para que possamos sempre ter elementos para ensiná-la para as gerações futuras, e isso pode se iniciara com a produção de materiais didáticos para serem utilizados na escola da comunidade.

2.3 Aspectos sociolinguísticos e socioculturais

⁴ Para ampliação do assunto, ver também:< <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Djeoromitxi%C3%AD>>.

Na aldeia Baia das Onças, vivem atualmente 162 pessoas, sendo que a maioria da população é composta por jovens entre 0 a 30 anos, que representam mais de 50 por cento da população indígena da aldeia. Essa informação pode ser verificada com maior clareza no gráfico abaixo (Gráfico 1), inclusive com população separada por sexo.

Gráfico 1- População separada por idade e sexo



Fonte: Djeoromitxi, 2019

Observamos no gráfico acima que a maioria da população é do sexo masculino e que, as pessoas mais velhas, entre cinquenta e oitenta anos, não ultrapassam o número de dez pessoas. Esta situação é preocupante, porque as pessoas, que são falantes fluentes da língua Djeoromitxi e que conhecem bem a cultura, estão indo embora e se não aproveitamos o conhecimento dessas pessoas sobre a língua, as plantas e ervas medicinais, todo este conhecimento pode acabar um dia, e as populações futuras ficaram sem ter e usar esses conhecimentos.

A população da Baia das Onças é composta pelas etnias Djeoromitxi, que é a maioria em termos de população, as etnias Makurap, Cujubim, Waiurú, Kanóe, Massaka, que são mulheres casadas com Djeoromitxi, há também um homem Makurap, casado com mulher Djeoromitxi e um homem Cujubim, casado com mulher Djeoromitxi. Assim, a grande maioria da população é de Djeoromitxi, que é representada por 102 pessoas, enquanto

a maioria das outras etnias tem em média de 3 a 4 pessoas por povo, inclusive há etnia com apenas um representante, que o caso do povo Arikapu.

Como já informado anteriormente, as etnias minoritárias são provenientes de casamentos interétnicos, sendo que as etnias que falam suas línguas são Makurap, Djeoromitxi e Arikapu. A língua indígena mais falada na comunidade é a Djeoromitxi (Jaboti) e o português. A população Makurap é de 15 pessoas, dessas apenas uma pessoa fala Makurap. Outras apenas entendem, mas não falam. Há algum uso dessa língua na casa cujo homem é Makurap e a mulher Arikapu que fala Makurap, entretanto seus filhos apenas entendem esta língua, mas não utilizam esta língua no dia-a-dia. As pessoas Cujubim, Kanoé, Aruak, Massacá, Ajuru, Oro At não são mais falantes das suas línguas. No caso dos Arikapu, a dona Wadidika Arikapu e a sua irmã falam Arikapu, mas somente entre elas, porém com outras pessoas falam apenas em Djeoromitxi.

No que diz respeito à proficiência, pode se dizer que a grande maioria da população indígena e alunos Djeoromitxi falam muito bem a língua indígena Djeoromitxi, principalmente os mais velhos. No que diz respeito à proficiência na língua portuguesa, pode afirmar, conforme dados de nossa pesquisa, que a grande maioria da população fala muito bem a língua portuguesa, inclusive também leem e escrevem razoavelmente nessa língua como também na língua Djeoromitxi. A esse respeito, talvez os mais jovens, como por exemplo os alunos das séries iniciais e do Ensino Fundamental do segundo ciclo tenham dificuldades na escrita e leitura tanto na língua portuguesa quanto na língua Djeoromitxi, nesse caso, um dos problemas identificados é a falta de materiais didáticos para praticar a escrita e a leitura na língua indígena, o que, dentre outros fatores, nos motivou a produzir o livro didático para ensino bilíngue na escola da aldeia Baía das Onças.

No que diz respeito às atividades econômicas da aldeia, destacam-se a caça, pesca, coleta de fruta e agricultura tradicional. Os principais produtos que plantamos são: mamão, banana, amendoim, feijão fava, vários tipos de batata, cará, inhame, mandioca, milho mole (tipo de milho tradicional) e cana de açúcar. Além disso, há o cultivo de dois tipos de pimenta que é tradicional do povo – malagueta e *murupi*. Há ainda, a plantação de outros produtos que não são tradicionais, como: arroz, e feijão e café que são produtos de cultivo mais recente. Por fim, cabe informar que fazemos farinha para vender na cidade, assim como também vendemos um pouco de banana, milho, arroz, castanha.

2.3.1 Contexto da escola indígena da aldeia da Baía da Onças

A escola foi construída (com estrutura de palha) no ano de 1992 e registrada com o nome de Alexandrina do Nascimento Gomes. Segundo administrador Dídimo Graciliano de Oliveira, que era administrador da FUNAI, era para homenagear a ex-diretora de educação da FUNAI, que talvez foi importante para ele, mas o povo Djeoromitxi não tinham nem noção de quem era ela, como na época a população indígena não pode optar por outro nome, tiveram que aceitar a opinião dele.

O primeiro professor da escola da aldeia foi uma não-indígena, que trabalhava uma semana, e ia para cidade; passava mais de um mês, depois voltava. Assim era a educação na aldeia, ou seja, as pessoas faziam como bem entendiam.

A educação na aldeia Baía das Onças, na época, estava sobre controle do município, e a FUNAI tinha grande influência, porque até 1991 a educação estava sob responsabilidade da FUNAI, mas com decreto 26 de 04 de fevereiro de 1991, a responsabilidade passou para o Estado: Art. 1º. “Fica atribuída ao Ministério da Educação a competência para coordenar as ações referentes à Educação Indígena, em todos os níveis e modalidades de ensino, ouvida a FUNAI”. Art. 2º As ações previstas no Art. 1º serão desenvolvidas pelas Secretarias de Educação dos Estados e Municípios em consonância com as Secretarias Nacionais de Educação do Ministério da Educação. Quatro anos depois, a escolinha de palha pegou fogo e foi totalmente destruída. Em seguida a FUNAI e a prefeitura de Guajará-Mirim construíram uma outra escola com cobertura de telha de amianto, medindo, aproximadamente, dez metros de comprimento, por 6 metros de largura, com uma sala de aula, um quarto e uma cozinha. A professora que ensinava na escola, naquela época, era a docente Rosa Lina Reis de Assunção de Moraes. Esta professora ensinava de 1º ao 4º ano e o ensino era todo ministrado em língua portuguesa, uma vez que ela não-indígena.

Nesse período as famílias falavam somente em casa, usando a língua Djeoromitxi, mas a língua estava bem enfraquecida, pois em casa se falava também o português. Os indígenas queriam aprender o português porque eles achavam que a língua indígena não tinha valor, e esse pensamento era repetido frequentemente com o apoio, claro, dos professores não indígenas e acompanhado pelos próprios indígenas que já estavam em um processo intenso de contato com os não-indígenas (“brancos”).

Assim, o modelo de escola dita integradora e civilizadora também contribuía para o enfraquecimento da língua indígena e em contramão fortalecia o ensino e uso da língua portuguesa, como ocorreu com várias etnias pelo Brasil (COUTO; SABANÊS, 2018). Nessa época se falavam muito sobre a desvalorização de nossa língua eu ouvia muito dos meus professores. Alguns pesquisadores, como Hamel (1988), Rodrigues (2002), Couto e Sabanês (2018) e Albó (1988) afirmam que quando a língua indígena não está mais sendo falada na família, ela está seriamente comprometida e pode desaparecer; a família é o último reduto da língua.

Observa-se que a situação linguística naquela época era muito preocupante e é ainda hoje, a diferença é que atualmente a população indígena tem maior consciência sobre essa questão e procuram reverter este processo, valorizando, assim, a língua indígena, inclusive ensinando-a para os mais jovens.

O decreto de criação da escola é n. 1537 de 30 de março de 1992, mas no ano de 1996, a maioria das escolas indígenas do Estado de Rondônia que eram municipais passou para a responsabilidade do Estado. Então, a população indígena reivindicou, junto ao Estado, outra escola porque a primeira construída pelo município e pela FUNAI já estava em um estado muito ruim, mas esse pedido demorou sete anos para ser atendido, e, finalmente, no ano de 2007, foi construída uma nova escola na comunidade.

Desta vez os governantes construíram uma escola de alvenaria, nos moldes das escolas dos não indígenas, com duas salas de aula, cozinha e banheiro. Nessa escola se ensina a língua Djeoromitxi, língua português e ainda a língua espanhola, além, obviamente das outras matérias do currículo.

Atualmente nessa escola, há a uma sala para trabalhar, aparelhado com dois quadros brancos, folhas sulfites, um mimeógrafo, alguns livros didáticos das culturas do não-indígena. Cabe informar que a salas de aulas, mesmo hoje, não são suficientes, porque mesmo tendo poucos alunos o período da tarde é muito difícil de trabalhar por conta do clima muito quente. Houve época em que os alunos de 6º ao 9º ano ficaram anos sem aula pela dificuldade de se conseguir professores habilitados que queriam dar aula na aldeia, por este motivo, os professores Djeoromitxi assumiram, no ano de 2014, estas turmas, depois de muito reivindicar junto à SEDUC.

Todos os anos para iniciar o ano letivo, tem que ir a Costa Marques, município mais próximo da aldeia, com os pais dos alunos para comprar os materiais necessários para

trabalhar na escola. A escola está localizada no sul do estado de Rondônia no município de Guajará-mirim, à margem direita do rio Guaporé, a 390 km de Guajará-Mirim, na Terra Indígena rio Guaporé, aldeia Baía das Onças, que faz fronteira com a Bolívia. Mas a escola fica mais próxima do município de Costa Marques, a 40 km. No ano de 2014, as populações indígenas da comunidade reivindicaram que, ao invés de serem atendidos em Guajará-Mirim, a escola ficasse sob a responsabilidade do município de Costa Marques, em que o acesso é mais fácil, contudo, até o momento, isso não foi conseguido.

Por fim, cabe ressaltar que experiência que o povo teve com uma professora não indígena atuando na escola não foi muito boa, porque ela saía muito para a cidade; além disso, imprimia um ritmo de cidade para as crianças da aldeia; não acompanhava o ritmo da aldeia, nem valorizava as atividades culturais pertencentes à comunidade Djeoromitxi. Esses professores não indígenas acabaram inserindo muito da cultura não-indígenas no cotidiano da escola, trazendo elementos culturais como: festa junina, dia das mães, páscoa, os feriados etc.

Hoje, na escola de Baía das Onças, temos 56 alunos distribuídos nas turmas do Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano e Ensino Fundamental, do 6º ao 9º ano.

Há hoje nove professores trabalhando na escola, sendo que todos são indígenas. Por exemplo, nos Ensino Fundamental, do 6º ao 9º, que é o segmento que eu trabalho, temos Alina Jaboti, ministrante das disciplinas Ciência da Natureza, Geografia e História; José Roberto Jaboti, que ministra as disciplinas de Etnomatemática na língua materna, Matemática, Biologia e Educação Física, e eu atuo ministrando as disciplinas de língua portuguesa, língua materna e arte. Além dos professores, a escola conta ainda com a figura do Sabedor indígena, que contribui com o seu conhecimento tradicional em todos os segmentos de ensino na escola, sendo uma peça importantíssima para a educação escolar indígena diferenciada e específica.

A escola que queremos para a comunidade Baía das Onças e para o povo Djeoromitxi é uma escola que respeite a nossa língua, a nossa cultura, o nosso modo de viver, nossa religião e o nosso modo de pensar, buscando cada vez mais fortalecer a nossa língua e conhecimento tradicional do povo.

Nesse sentido, procuramos investir nos conhecimentos tradicionais, pesquisas sobre essas tradições dos povos, de forma a aprender cada vez mais e passar esses conhecimentos históricos e tradicionais às gerações mais novas. Não queremos mais repetir a educação que

foi imposta para nossa comunidade como nos fosse um povo que não tivesse sua Língua e cultura própria.

A escola Alexandrina do Nascimento Gomes desenvolve um trabalho que envolve docentes, homens, mulheres e crianças, fortalecendo a cultura, língua crença e religião dando apoio ao conhecimento sobre plantas medicinais, valorizando as comidas típicas do povo para não comer muita comida industrializada, porque está fazendo muito mal para a saúde dos indígenas da comunidade; também, e bem importante não deixamos que as outras religiões influenciem a religião da comunidade. A escola pensa na vida social juntamente com os mais velhos da aldeia.

2.4 Principais atividades tradicionais e econômicas

De forma bem suscita, pode se dizer que as principais atividades tradicionais, que ainda são comuns aos indígenas da aldeia Baía das Onças, são a caça tradicional, em que homens vão caçar e ficam mais ou menos uma semana nesta atividade. O trabalho na roça, com a participação de todos e com mutirões com *chichada*⁵ ao final. A chicha é um elemento cultural muito importante utilizada em festas de casamento, rituais religiosos e como pagamento de trabalho em mutirão. Confeccionamos vários artesanatos para utilização diária: marico, cofo, esteira, rede esses todos feitos pelas mulheres. Flecha, arco, *borduna* de responsabilidade dos homens. Para o povo se divertir hoje, tem-se as atividades com arco e flecha, andar de canoa, flechar, pescar, subir nas árvores e andar no mato. Um pouco do que é trabalho e também é diversão, para as crianças estas atividades são ainda mais divertidas. Ainda tem o jogo de bola todas as tardes no campo da aldeia com um horário para as meninas e para os meninos.

3. FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS: BREVE REFLEXÃO

As primeiras ações relativas à formação de professores indígenas foram realizadas pelas Organizações não Governamentais, cujas ações inspiraram o MEC para a implementação de formação para indígenas.

Olhando os trabalhos das ONGs, percebeu-se que o trabalho de formação para indígenas deveria atender as especificidades daqueles professores com relação à cultura e à

⁵ Ritual tradicional que envolve a produção de bebida alcoólica típica e também o consumo, principalmente por homens adultos.

língua. Além da inspiração com relação à forma de atuar junto aos indígenas, a atuação das ONGs também inspirou o campo político conforme Monte (2000, p. 124).

Essas iniciativas não governamentais são citadas como fonte de inspiração para o poder público e para o campo jurídico (Lei de Diretrizes de Bases (LDB, 1996, Plano Nacional de Educação - PNE – 1998, Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (BRASIL (RCNEI), 1998), Resolução do Conselho Nacional de Educação-CNE, (1999) para fundamentar seu próprio discurso e com maior dificuldade suas práticas institucionais e políticas.

A educação escolar indígena passou para responsabilidade do MEC no ano de 1991, pois nos 30 anos anteriores era de responsabilidade de FUNAI (MONTE, 2000, D'ANGELIS; VEIGA, 1997, D'ANGELIS, 2012, COUTO; SABANÊS, 2018).

O MEC chamou para assumir a coordenação das ações da educação escolar indígena os estados e municípios, mas estes não estavam preparados para assumirem esta responsabilidade, faltavam pessoas com conhecimento nesta área para desenvolverem as ações. Convocam-se, assim, as secretarias a atuar de acordo com determinadas linhas de ação educacional, aproveitando-se de alguns conceitos e metodologias explicitadas em documentos não oficiais por organizações civis, tornando-os conhecidos e legitimados. Incentivam-se enfim os novos executores de políticas estaduais e municipais dirigidas as quase duas centenas de sociedades indígenas do país a reconhecer o vazio financeiro, técnicos e humano para dar rumo a estas novas formas de políticas educacionais e a inspiraram-se nos reflexos positivos extraídos dos referidos exemplos (MONTE, 2000, p. 8).

Há séculos silenciadas pelas políticas educacionais, finalmente a população indígena do estado de Rondônia puderam formular e explicitar seus projetos de escola, fazendo ser ouvido sob intenso debate e conflito, em forma de nova proposta de políticas pública a serem desenvolvida pelo Estado brasileiro. (MONTE, 2000, p. 8). Desde 1991, para a implantação destas políticas foram investidos recursos em formação de professores indígenas, em formação de técnicos das Secretarias Estaduais de Educação e na produção de materiais didáticos e subsídios para contribuir para com os professores indígenas e com os cursos de formação de professores. Exemplo disso é a publicação do Referencial Curricular para as Escolas Indígenas – RCNEI e o Referencial para a Formação de Professores.

Ademais, o processo de escolaridade e de formação é uma ação afirmativa, por se tratar de uma formação em serviço que dá oportunidade às pessoas que não tiveram acesso à escola e ao ensino universal de se formarem. No caso dos indígenas, por serem povos com

línguas e culturas diferentes e que tradicionalmente não tinham escola, mas sim outros processos de ensino e aprendizagem; esta tarefa de formação é ainda mais complexa.

Como é sabido, em sociedades indígenas, a educação era feita oralmente, apesar de mesmo não havendo escola, pois pais, avôs, avós, tios, tias, caciques e até pajés exerciam a educação dos mais jovens, fazendo as vezes de professores. Além disso, a comunidade tinha sua organização, como jovem guerreiro, parteira, artista musical, pintor de pintura corporal, conhecedor de plantas medicinais, artesão, pajé e cientista e outros.

A formação dessas pessoas acontecia durante toda a vida e uma pessoa ia ensinando a outra. Podemos dizer que os indígenas estavam em um processo contínuo de formação de seus saberes de acordo com as habilidades e desejos de cada um. Quando foram criadas as escolas indígenas oficialmente os indígenas tiveram de aprender a lidar com os dois mundos indígenas e não indígenas.

No Estado de Rondônia, assim como em todo o Brasil, as primeiras experiências de educação escolar formam por meio de missionários, que perpetuou por muito tempo, até que as escolas indígenas começaram a serem gestadas pelo SPI/FUNAI, e isso causou uma grande mudança no uso das línguas e culturas. Os vários problemas, podemos destacar: aulas ministradas por professores não-índio, que não possuíam praticamente nenhum preparo para o trabalho em realidades culturalmente diferenciadas, inclusive as aulas eram todas ministradas apenas em português, além da imposição de um currículo não discutido com os indígenas. Esses são apenas alguns exemplos que foi muito minimizado com a formação qualificada dos professores indígenas de várias etnias.

A experiência de formação em Rondônia iniciou na década de 90, tendo como um dos principais momentos o projeto IAMÁ, que era uma instituição indigenista, não-governamental e laica, que veio estabelecer, na época, uma relação de diálogo com os grupos étnicos de Rondônia”. Neste período foram capacitados vários professores de várias etnias como os Djeoromitxi (DJEOROMITXI, 2015).

O IAMÁ encerrou suas atividades no de 1997, mas foi um projeto que fez com que os indígenas comesçassem a pensar em si mesmos, e na importância de suas línguas, culturas, religiões e o modo de como se organizarem e na organização pedagógica e de gestão da escola indígena.

O trabalho de formação desenvolvido pelo IAMÁ foi importante para a institucionalização do Magistério Indígena, foi a partir da proposta do IAMÁ que tomou corpo a proposta pedagógica do Projeto Açaí discutida e formatada no Núcleo de Educação

Indígena de Rondônia – NEIRO, este fórum foi uma instância política importante em todo processo de organização da educação escolar indígena no Estado de Rondônia

Formação de Professores no Estado de Rondônia – Projeto Açaí- primeira turma. O projeto Açaí – Magistério indígena de Rondônia foi instituído pelo Decreto nº 8516 de 1998. Foi resultado das lutas e lideranças e movimentos indígenas por uma educação de qualidade. O projeto iniciou no ano de 1998 e terminou no ano de 2004, sendo que no ano de 1999 não houve nenhuma etapa e no ano de 2004, pela primeira vez houve uma etapa nas aldeias que tinha como objetivo realizar um diagnóstico sociolinguístico e uma discussão sobre os Projetos Pedagógicos das Escolas. Este projeto foi criado para habilitar os professores indígenas de Rondônia como diz o objetivo do projeto.

O Projeto Açaí teve mais duas versões, no ano de 2014 terminou mais uma turma de mais de 130 estudantes e no ano de 2015 iniciou a terceira turma, este projeto é ainda, no estado de Rondônia, uma forma de assegurar o ensino médio para os jovens das aldeias. 42

Implantar um programa de formação de professores indígenas, que contribua para melhoria da educação escolar em Rondônia, garantindo as populações indígenas do Estado um ensino de acordo com suas necessidades, aspirações e valorização de suas tradições étnicas e o acesso aos bens culturais universais. (SEDUC, 2004, p. 13) Apesar de nos objetivos do projeto colocar que a formação é apenas para os professores indígenas de Rondônia, ele atendeu povos de Mato Grosso como o povo Zoró e alguns indígenas da etnia Nambikwara de Mato Grosso. Uma das principais características do projeto foi atender uma grande diversidade linguística e cultural. Outra questão importante foi focar na formação política dos cursistas, pois uns dos objetivos do projeto foram (i) a preocupação com a autonomia e a formação como pesquisadores (ii) a formação de professores indígenas pesquisadores capazes de refletir criticamente sobre a realidade cultural e linguística de seu povo e as relações construídas nos contextos interculturais. Formar agentes efetivos no processo de construção das escolas indígenas, habilitando professores para atuarem, juntamente com as comunidades, nos seus projetos pedagógicos e de futuro. Formar educadores capazes de desenvolver pesquisas de relevância para as comunidades indígenas na perspectiva da sustentabilidade.

Contribuir para a efetivação do projeto de autonomia da escola indígena e respectivas comunidades, a partir da construção do currículo e da proposta pedagógica para

as suas escolas centrada na valorização da cultura em todas as dimensões. Muitas pessoas contribuíram para a realização do Projeto Açaí.

Depois de muita luta, foi implantado em 2009 o primeiro Curso de Educação Básica Intercultural do estado, com sede até hoje na Unir de Ji-paraná. Esse curso é voltado unicamente para a formação de professores indígenas do Estado de Rondônia e Norte de Mato Grosso.

[...] implantação deste curso está fundamentada no diálogo construído no decorrer dos últimos anos em encontros de professoras e professores da universidade com os povos Indígenas. Nesse processo contribuíram, de forma relevante, entidades e instituições – governamentais e não governamentais – apoiadoras desta causa. Essas discussões foram trazidas para o âmbito do Departamento de Ciências Humanas e Sociais e resultaram na inserção do curso (PPC, 2008, p. 6).

O Curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural da Fundação Universidade Federal de Rondônia (Unir) é um curso que tem contribuído para a formação tanto de nível de graduação como de pós-graduação, além de vários programas de educação continuada como PIBIC Diversidade e Saberes Indígenas na Escola voltados para os professores indígenas do estado de Rondônia, assim, esse é um espaço que ajuda fomentar discussões sobre a educação e formação dos povos indígenas, tendo ainda, práticas de pesquisa, documentação e produção de material didático das culturas indígenas. Além disso, é um espaço que permite a integração intercultural entre os povos indígenas de Rondônia, pois há mais de 30 (quinze) etnias que estudam na Universidade e atendeu até o momento mais de 215 indígenas.

4. O LIVRO DIDÁTICO “ASPECTOS CULTURAIS DO POVO DJEOROMITXI - DJEOROMITXI HÕNÕ NÕTXI” - RELATÓRIO DE PRODUÇÃO

Com já mencionado anteriormente este livro foi fruto de nossa pesquisa, desenvolvida principalmente durante os anos de 2017 a 2019, no âmbito do Curso de Especialização em Educação Escolar Indígena da Unir *campus* de Ji-Paraná. Soma-se a isso a experiências ao longo de mais de 10 anos na profissão de professor na escola indígena de Ricardo Franco, onde pude verificar a total ausência de materiais pedagógicos para trabalhar a língua e a cultura do povo Djeoromitxi, cenário que é comum a todas escolas indígenas do Brasil, mesmo que em graus diferentes de necessidades (COUTO; SABANÊS, 2018, D’ANGELIS; VEIGA, 1997, D’ANGELIS, 2012, MONSERRAT, 2006).

Não obstante, esse cenário, vivenciado principalmente no chão da escola da comunidade, também durante as atividades de formação realizado pela Ação Saberes Indígenas na Escola em 2015 e 2016, além da formação na Graduação em Educação Intercultural na unir, me faz procurar uma forma de viabilizar a produção de material didático para ser utilizado com aparato pedagógico no ensino bilíngue na escola indígena em que atuo na aldeia de Baía das Onças.

Para a obtenção de dados, realizamos várias oficinas ao longo de 2017, 2018 e intensificamos, principalmente, no início do ano de 2019, neste ano para avaliação, ampliação e adequação do material para que pudéssemos ter um parâmetro da aplicação pedagógica desse material, ou seja, a viabilidade do material com a participação dos alunos e de professores indígenas Djeoromitxi, o que permitiu melhorar o material com as reflexões adquiridas nas aulas-teste. Além disso, essa metodologia permitiu que o alunos e professores pudessem participar ativamente deste livro, o qual será fonte para toda a comunidade, seja na geração de hoje seja na geração de amanhã.

4.1 A produção do livro: contribuição para o fortalecimento da língua e da cultura Djeoromitxi

Para essa primeira experiência de produção de livro didático para o ensino de língua e cultura Djeoromitxi, procurei desenvolver um livro para servir como material didático para ser trabalhado principalmente com alunos do Ensino Fundamental do 5º ao 9º, que são os alunos com quem ou atuo com professor há muitos anos. Porém penso que o livro, a depender da habilidade do professor, pode ser utilizado em outros anos e disciplinas na escola.

Também foi pensado, para essa primeira versão, que o material pedagógico fosse bilíngue para o ensino de língua indígena e língua portuguesa, uma vez que temos alunos com graus diferentes nessas duas línguas, e, assim, penso que dessa forma o livro poderá ser melhor aproveitado.

O livro, com 71 páginas, foi organizado em dois capítulos: Capítulo I: “Mitos Djeoromitxi”, com o objetivo de trabalhar a interpretação de textos sobre os principais mitos do povo Djeoromitxi, com sete textos apenas na língua indígena: (i) Hõikatõä, (ii) Hipfotõä, (iii) Pakorüpahedjeparia, (iv) (v) Boretõä, (vi) Ororo ka e (vii) Hihõñĩĩ, seguido de exercícios variados, como de interpretação e produção de texto de forma que se possa ter

variedades graus de instruções e práticas diferenciadas. O Capítulo II: “Artes e alimento tradicionais do povo Djeoromitxi”, como o próprio título sugere, trata de textos verbais, verbais-não-verbais e textos totalmente não verbais, todos contendo imagens e situações típicas da cultura do povo Djeoromitxi: (i) Hote, (ii) Bziru i, (ii) Kube, (iv) jirütätä ta da bziru iä, (v) Bore rowa, (vi) Mĩnõ mēhä, (vii) Tõhõ, (viii) kutxi paka (ix) Küro djepariä dje, (x) Djeoromitxi rowa (xi) Apiro (xii) Hipiro rane wa, todos seguidos, assim como no Capítulo II, de exercícios diversificados com foco principal na leitura, interpretação e produção de texto, principalmente na língua indígena. Por fim, há uma parte do livro destinado para tradução dos mitos Djeoromitxi: (i) Tradução dos textos, (ii) Hipiro djeparia, (ii) O surgimento da mandioca, (iv) Árvore de pedra e (v) Para virar pajé. Todo conteúdo do livro tem o propósito de se trabalhar com as duas línguas (Djeoromitxi-Português ou Djeoromitxi-Português).

Cabe lembrar que o livro é todo ilustrado com fotografias e desenhos feitos pelos alunos Djeoromitxi e com atividade direcionadas para o entendimento e reflexão do conteúdo do livro por meio de vários exercícios, de forma que cada parte tivesse atividade de verificação da aprendizagem, principalmente com atividades de prática de leitura, interpretação e produção textual, pois essa é uma grande carência dos alunos.

5. CONCLUSÃO

O projeto de elaboração e execução do livro didático bilíngue sobre a língua e a cultura Djeoromitxi não foi fácil, pois demandou muito tempo de estudos e de atividades de obtenção de dados, além de aperfeiçoamento técnico sobre assunto e a realização de várias oficinas e entrevistas para elaboração do material. E tudo isso foi realizado sem nenhum recurso governamental, o que limitou nossas atividades. Porém, como nossas ações são necessárias para que se possa, de alguma forma, suprir as necessidades básicas da escola indígena da Baía das Onças, as quais acompanhamos a muito tempo, procuramos insistentemente e com o apoio pedagógico e linguístico dos professores do Curso de Especialização em Educação Escolar da Unir, da participação dos alunos do 6º ao 9º anos e professores indígenas Djeoromitxi da escola da comunidade, foi possível produzir um material que servirá para toda a comunidade Djeoromitxi. Ou seja, pensamos que o envolvimento de todos que querem melhorar a educação escolar indígena no Brasil, e

valorizam a línguas e culturas indígenas, é o que ajudará a não deixar que as línguas e culturas indígenas morrem.

Não obstante, pensamos que a produção de um material didático como esse é um passo muito importante, mas no contexto em que as escolas indígenas se encontram, e em particular a da comunidade da Baía das Onças, são necessárias outras ações, inclusive com a participação financeira e técnica do Estado, pois precisamos de muito mais materiais pedagógicos além de outras questões para que realmente possamos ter uma escola que atenda a população indígena de forma que ela merece.

Nesse sentido, entendemos que ações como essas vão ajudar na documentação e na preservação da língua e da cultura do povo Djeoromitxi, pois não podemos deixar essa cultura enfraquecer, e essa ação deve gerar reflexões de como é importante uma escola indígena tenha materiais diferenciados e específicos, que represente de forma coletivas e clara as culturas e línguas tradicionais indígenas (COUTO; SABANÊS, 2018).

REFERÊNCIAS

- ALBÓ, Xavier. **El futuro de los idiomas oprimidos**. In Política Linguística na América Latina, Pontes, 1988
- BRAGGIO, Silvia Lucia Bigonjal. **Estudos de Línguas e Educação Indígena**. São Paulo: Pontes, 2019.
- BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- COUTO, Fábio Pereira; SABANES, Ivonete. Aspectos sociolinguísticos do ensino e do uso da língua Sabanê na aldeia Sowaintê, da Terra Indígena Parque do Aripuanã - RO. Relatório de pesquisa. In: **Linguística Antropológicas**, Brasília, UnB, v. 10, n. 2, dez. 2018.
- D'ANGELIS, Wilmar. **Aprisionando sonhos: a educação escolar indígena no Brasil**. Campinas, SP: Curt Nimuendajú, 2012.
- _____; Veiga, J. (Orgs.). 1997. **Leitura e escrita em escolas indígenas**. Campinas/São Paulo: ALB/Mercado das Letras.
- DJEOROMITXI, André Kodjowoi. **O fortalecimento da língua e cultura Djeromitxi a partir da formação dos professores**. Ji-Paraná-RO: UNIR/DEINTER, 2015.
- FLEURI, R. **Educação intercultural: mediações necessárias**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FRANCISCO, Edvirges Albuquerque. **Ensino de línguas em diferentes contextos**. São Paulo: Pontes, 2018.

HAMEL, Rainer Enrique. La Política del Lenguaje y el Conflicto Interétnico – Problemas de Investigación sociolingüística. In: **Política Linguística na América Latina**. (Org). Campinas, São Paulo: Pontes, 1988.

MONSERRAT, R. M. F. 2006. Política e planejamento linguístico nas sociedades indígenas do Brasil hoje: o espaço e o futuro das línguas indígenas. In: **Formação de professores indígenas: repensando trajetórias**. Luís Donisete Benzi Grupioni (Org.). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, p. 131-154.

MONTE, Nietta Lindenberg. **E agora, cara pálida?** Educação e povos indígenas, 500 anos depois, Revista Brasileira de Educação, Set/Out/Nov/Dez 2000 Nº 15.

NIMUENDAJÚ, Curt. **Cartas do Sertão de Curt Nimuendajú para Carlos Estevão de Oliveira**. Apresentação e Notas Thekla de Hartmann. Lisboa, Museu Nacional de Etnologia/Assírio & Alvim, 2000, Coleção Coisas de Índios.

PROJETO POLÍTICO DO CURSO DE EDUCAÇÃO EM EDUCAÇÃO BÁSICA INTERCULTURAL. Ji-Paraná: Unir, 2008.

RIBEIRO, Eduardo Rivail; VOORT, Hein van der. **A inclusão das línguas Jabutí de Rondônia no tronco Macro-Jê**. Recife, 2005. (Manuscrito apresentado no IV Encontro Internacional sobre Línguas e Culturas Macro-Jê, 3-5 de novembro de 2005, Recife).

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. **Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. 4. Ed. São Paulo: Loyola, 2002.

SEDUC. **Projeto Açaí**. Governo do Estado de Rondônia, Projeto de Educ. Escolar Indígena, 2004.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ática, 1985.

THOMASON, S. G. **Endangered Languages: an Introduction**. Cambridge Textbooks in Linguistics. United Kingdom: Cambridge University Press, 2015.

VOORT, Hein Van Der. Proto-Jabutí: um primeiro passo na reconstrução da língua ancestral dos Arikapú e Djeoromitxí. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. **Ciências Humanas**, Belém, v. 2, n. 2, p. 133-168, mai-ago. 2007.

ANDRÉ JABOTI

**ASPECTOS CULTURAIS DO POVO
DJEOROMITXI**

DJEOROMITXI HÕNÕ NÕTXI

Agradecimentos

Agradecer toda a minha família e principalmente meus pais e irmãos. Agradeço também os meus professores que me ajudaram na minha formação, compartilhado seus conhecimentos comigo. Quero agradecer ainda aos criadores dos Djeomitxi: k wewe e K ropsihi.

Apresentação

Este livro foi feito para que os alunos Djeoromitxi possam ter um material que possibilite a eles conhecer ou aprofundar o conhecimento sobre os mitos do seu povo, ou seja, fazer com que os alunos possam refletir sobre o surgimento da humanidade, dos animais, dos objetos e o tempo, conforme nossa cultura.

Este material é voltado especialmente para os alunos da Terra Indígenas Rio Guaporé, Aldeia Baía das Onças, com o objetivo de aprofundar o conhecimento tradicional do nosso povo, buscando cada vez mais fortalecer a língua e a cultura do povo Djeoromitxi.

Nesse sentido, organizei esse material em três partes: a primeira procurei trabalhar com os mitos do povo Djeoromitxi; a segunda parte foi destinada à arte do povo e a última foi destinada para algumas propostas de exercícios adicionais para serem trabalhados com os alunos.

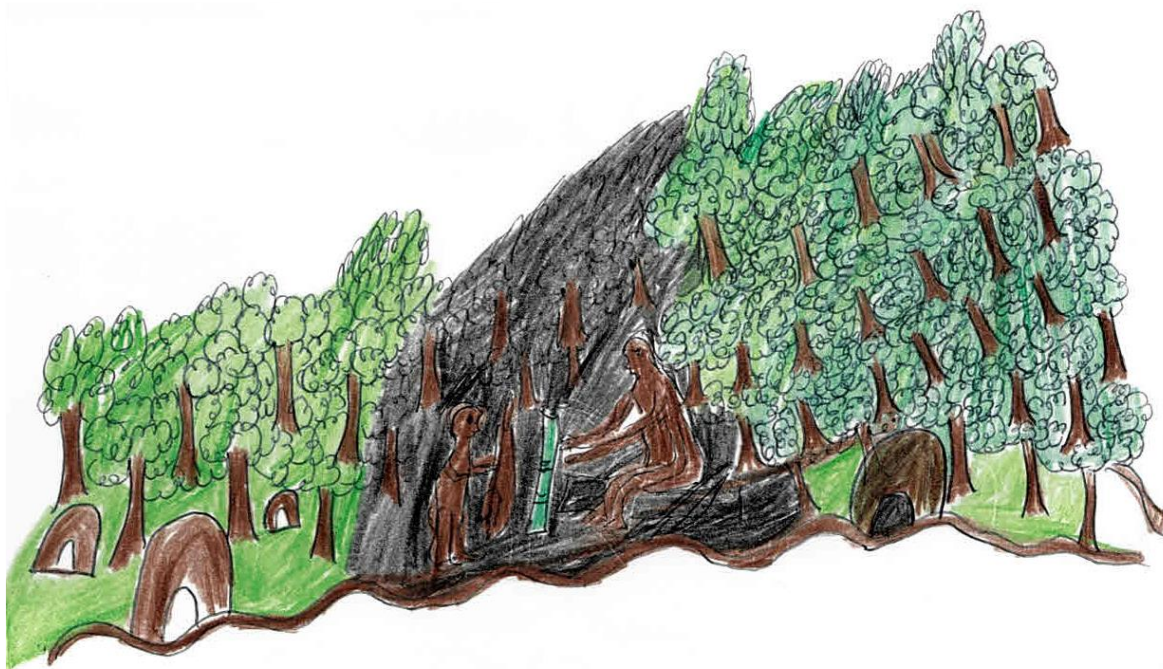
O exercício contido neste material foi pensado conforme as minhas observações ao longo dos 20 anos de docência, assim percebi que é na interpretação de texto que possibilitar a reflexão sobre determinado tema, além disso, busquei elaborar exercícios que motivem o aluno a entender o texto e se posicionar sobre ele e também sobre a língua e cultura de nosso povo.

Apesar desse material ser destinado inicialmente para ser trabalho no sexto ao nono ano, penso que ele pode ser utilizado em outras séries, bastando apenas o professor utilizar conforme grau de instrução dos alunos.

Nesse sentido, espero que esse material possa ajudar tanto os professores como os alunos Djeoromitxi no processo de ensino aprendizagem de forma intercultural, interdisciplinar e bilíngue.

CAPÍTULO I: MITOS DJEOROMITXI

Hõikatõä



Tutuaä hirü hõikatõ pahäre türü djepfõ tõhõ ma nõikatxe nõtxe bihe ni kukuwiwitõkünü naä hidjepea txi kãropsihi kãwewe djepiro hoo hiroto enĩ dje. Beretxe nõtxi hõika dia enĩ dudu inĩka-txi anõ tainĩ patxirua bo naä djenõna tõ djepiro hotõ adje hõikarü pabürure hõikarüre pfõ aru nĩ piro be neuwenĩ hu nõtxe tainĩ inĩka-ma hõika bo hõika-ma odjiä ikuritxi ipakatä itxu nĩ hõika-ma djepiro newe te epakatä õ kãropsihi-ri ite nĩ pirobe natobo kãropsihi hipiro baa bo wiküri ibe tõ nĩnõnĩ natobo kãropsihi-ma hipiro baatõ pahäre wikü-ä djerubä hoo itxepe-dje nĩ piro-be manē kãwewe ma hõikarüküre nĩkuku piro be natobo ehetepee natobo tainĩ kãwewe-ma djepiro hadjo adje anõtõ mahähire nĩpirobe kukõhere kãküä nĩ kãropsihi pirobe wa awa nadjetxi epiro kuküä, watõnē nĩ nõtõ bamanõtxe djo matxi iranē ma petxitxi matxi koirü kunĩ dje pfoä bätĩ. Wa ewae bae nõtxe bihe dje enĩ djerubä wa awa nõnĩ watõ nē nĩ dje piro kuküä. mari hibihe dje iräne wa dje hotõ enĩ bihe djeboäbo djenõna hotõ beretxe nõtxi enĩ hotõ hihü hõika räne tõihe ne itäria õ. Mari iranē newe hõika te nĩ pirobe bihe dudu ehõküme txepe tainĩ bihe newe hihõika tärie nĩnē hõika tõäre.

Ätī hinīhunōnōnê

1) Hipiro änōākunī hipiro ko.

a) Hūa beretxe nōtxi itxia?

a) Hūa wa be pfohāna?

u) wikūri djerubā hōika hōkūmē txepe ädje?

2) Hipiro djeperi ere piro ä.

a) Tutuää türü tō pahāre.

ä) Türü djepfō pahāre.

e) Tōhō ma hōikatxe nōtxe bihe.

i) Hūa hōika tea.

3) Hipiro katātādji papel kää iātehā enī.

Hipfotõä



Hotxi hipiro pabütxe hiitiää tutu wewe nedjo hibe ähäna hipfo tõ pahäre hiruwewe-
ma më djepfõ epfo pahäre pakorü,txiü nĩ kupfü enĩ më küdjadje, eitxi nõtxe na ä etümĩ
emêhäni kukudjefõkü-nĩ.emẽ eäpfohä, pfohä pahäkühäre .

Naä inukubi-txi dje pakä më küdje naä neru-txitxi itxi djenio piitxi käküä, tõ txerere
onõ nĩküne äre, toe neä dje, erowä nõtxe më ma boro nĩkүнĩ, nõtxe djepiro adjemane pitxe
räte pihire-nĩ piro pirokü-nĩ, naä më txi djekorere eeni, toe rowäkүнõtxe hũkareri eenĩ
djenõna, eibi, txĩ nĩ irane-ma ekuku he oku ma txĩ, ekuku kudje,oku-ma,oku-ma txĩ nĩ
küdjehä toe txi itxihä, hõtxi nõtxe më txi oreko-nĩ ipika-ma txunĩatõ iii hikäbü ibi-te dje rubä
ihi dje kãnĩ hihä päbo päbo päbo päbo hahi ipika-txi arehä hikäbü-txi kore pitxe-txi korerehä
më txi txetuhä txiü txi tehä djema nĩka enĩ bümiä dje nĩne hipiro nõtxi re.

Ätī hinīhunōnōnê

1. Hipiro änōäkunī hipiro ko.

a) Hatxinī newe hipiro tōhī?

ä) Hūa toe rowä a mē djiä dje?

e) Hatxi hinōtxi nōpfoä txitōe?

i) Hūa neru be ibihäna?

o) Mē be ibihä na kähiru?

ü) Hūa mē hia?

u) Hūa mē tsetua?

2. Papel kää hipiro rane wa me änōä kunī.

3. Hipiro änõä kunĩ iko iäbidji nĩ.

Pakorü pahe djeparia



Pakorü pahe djeparia-ma pakorü ma hīkūnōnī tā pakä nōtxe kūrotxi djenōna, djepiro ekuku rabi hatxi anōdaahāhire na tobo pakorü ma djekūmī epiru kuküä manōnī nōtxe hu hu hu pahe ä bzitawewe djepari djirütätä ma etää djepari djema dji oka wetxi, nīkurü pahe mīnōma ite djema küküoädje.

Ätī hinīhunōnō nē

1. Hipiro anōäkunī hipiro ko.

a) Hūa pare djeparia?

ä) Hūa pakorü djeparia pahe ä?

e) Hatxibe pakorü mahĩ?

2. Hipiro djepari ere piroä.

a) Pako _____

ä) Djirü tätä _____

e) Paheri _____

i) Pahe _____

o) mĩnõma _____

3. Hipiro pe abe änõ hätõ hipiro iänõ kunĩ.

Boretõä



Boretõä hirüwewe õbipahäre djema wikükü pakä.wiküri Dudu, nõtxe boro bä paheretxi, tõ djepiro, djema wikükü be aruwi nedjo tenĩ nĩ pirobe nõtxe djewewe paheri oka ehiädje paheri hi bäbihe, djiri kuku küdje nõtxe ma enĩhure kõnakü itxi kuku djekamĩmĩkü nĩpahä, paheri te makuni eitĩ kõ djema nĩka enĩ bühä patxiu türüä bü patxiru,nõtxe hõikabä nõtõ nõtxe hõka kukudjetu oo iwikükü hõnĩĩtĩxi djenõna, hotxi abühinĩtõ djewetxia nĩhure kõnaka mĩkõ nĩ djema ro be,irotxi pahä bühä bihe, banõtxe djema wikükü nĩhure künakü mĩkõ uruku bä wewe haätxi bahä bahä, bahä, bahä, bahä uruku enĩ nõtxe inõnetxi hukükü boreä djepari ätĩ hinõtxi txi bore rü pahäkühäre nĩnēhē.

Ätĩ hinĩhunõnõnê

1. Hipiro katxi.

- a) _____
- ä) _____
- e) _____
- i) _____
- o) _____
- ü) _____

2. Hipiro änõäkunĩ hipiro ko.

a) Hũa wikũria?

ä) Hũa paheri hia?

e) Hũa paheri be pfohäna?

i) Hatxiä djiri nĩhure djepari?

o) Hatxibe djiri ro bü?

3. Hipiro pe abe äanõhätõ.

4. Papel kää hipiro abe wahäna ibühe wa ikohä nĩ.

5. Hapiro itxi.

B	O	R	E	DJ	D	K	H	T	I
A	N	A	C	A	J	P	I	O	W
TX	I	T	O	Ä	E	L	P	P	I
B	D	W	K	A	O	T	U	I	K
W	A	H	I	A	R	A	R	K	Ü
PF	PS	T	BZ	T	O	TX	O	E	K
O	E	B	U	DJ	M	Ö	M	TX	Ü
K	M	A	R	Ü	I	DJ	O	I	R
A	E	N	I	DZ	T	BZ	N	DJ	I
K	U	I	T	I	X	R	I	I	H
Ä	R	ö	E	M	I	K	Ö	K	A

Ororo ka



Ororo ku, kunī rū nīkā pakā, ika ma hikurua ä hirūwewe eka ko hōbsi nōtxe,ero nōtxe nī hipfo ekako, djedje, pahe, bitä, hōä, teri nī, inōkүнë ma pakorü be kahi pehä du neä dje, tewä riri neä dje bäru nī neä dje ho nōtxe pakorü ororo tō wa hikuahi tiä dje.pfuni ororo tō.

Ätī hinīhunōnōnē

1. Hipiro änōäkunī hipiro ko.

a) Hua ororo kakoa?

ä) Hatxibe pakoru nōnō ki?

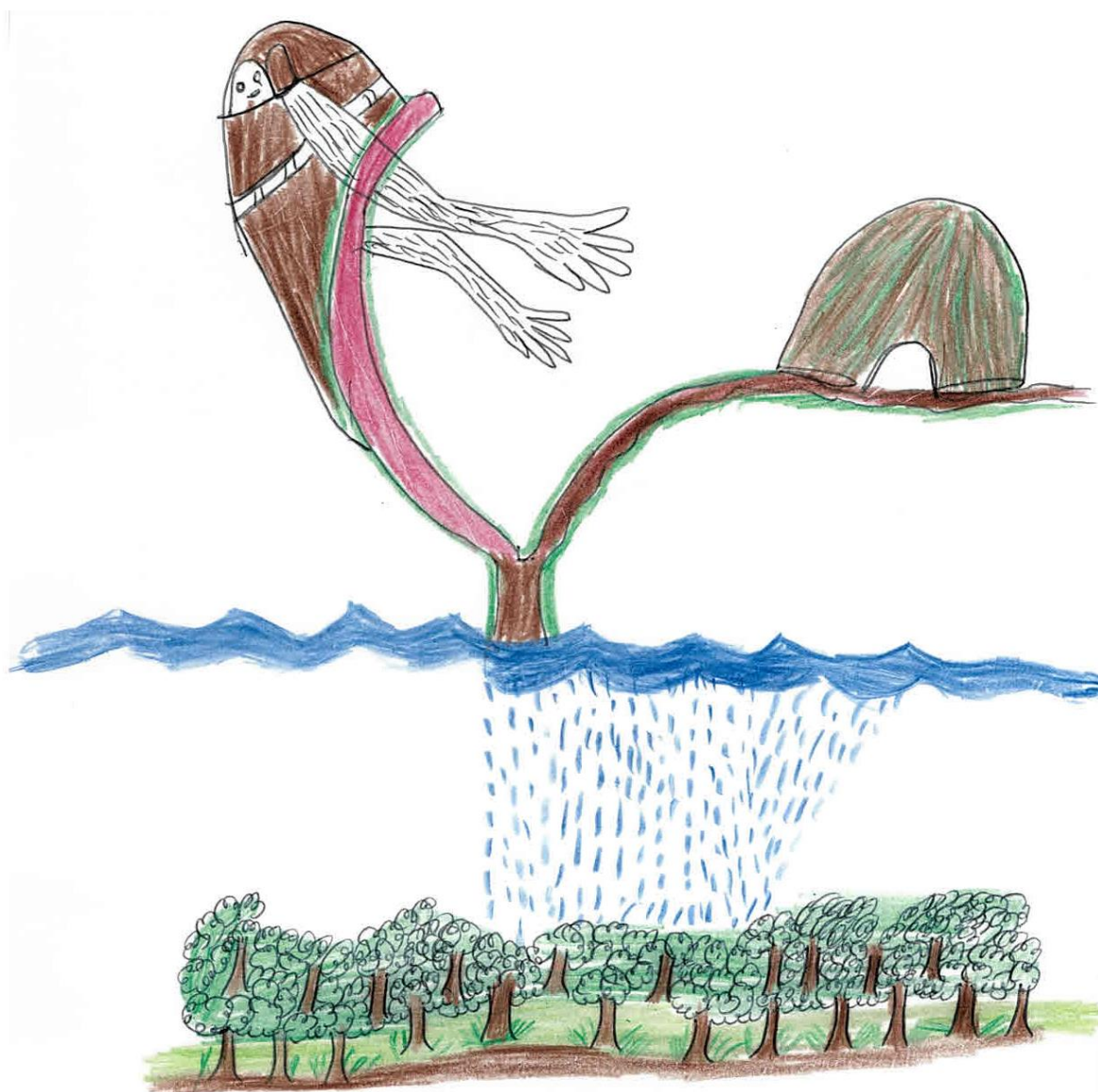
e) Hatxi hiru nōpea ororo kuni?

2. Papel kää ororo ku ko iābidjinī.

3. Hifo tōhī ko ororo kakoa.

4. Hipfo tōhī ko abe anō hä na.

Hihõnĩĩ



Djeoromitxi hõnĩĩ ,hahiää bekü enĩ paräre.Bekü enĩ,hihõnĩĩ djenõna nõtxe,hõtxi wikütxi anõ pfutu, pfutu nĩ, hiwi ma pipitxi ri,nõtxe berapartxi wi-ma pfu nĩ. Änõ nõtxe hihõnĩĩ hõne djema nĩhu ä hihõnĩĩ pfoä dje. Hikurua ä hinõtxi txiürüte be hihõnĩĩ medjüä dje hidje käbehätõ, hidje hihätõ-nĩ hanõtxi piro, hipipitiää, berapartxi hihõnĩĩ pfo pahäre nõtxe himedjüää hipfõhĩhä hidjewetxia hõnĩĩ nĩka enĩdjenõna. Djenõna nõtxe hiroto hinĩpe dji. Edji nõtxe nedjo uhõhõ bähä, uhõhõ bä nõtxe hidjepirohä nedjo pere nĩ hirüwewe ma, ebä kunĩ bihe bü. Nedjo hibü nõtxe, bädjo bekü enĩ bedje hitiküe hitõru ri, nedjo hibünõtxe bädjo hihõnĩĩ tõru paräre naä bedje hiti küe pahäre. Nĩ nẽ hiroto piro nõtxir re.

Äti hinihunõnõê

1. Hinihu nõõ tutua nê.

a) Hipiro ânõ eäkohä nĩ?

ä) Hatxi hibe pabühä na hipiroä?

e) Hatxi hipiro nõtxi be pabühäna?

i) Hipipitxiää hauwenĩ hihõnĩĩ-ma?

o) Himëdjüää Hauwenĩ hihõnĩĩ?

ü) Hipiro pe abe ânõhätõ?

u) Hauwenĩ ere hõnĩĩ hire? Ere irubä iä piro kohä nĩ?

2. Hinĩhu nõnõ djeboa ko? Hatxibe?

3. Hinõtxi rubää bätĩ, ipiro wa opätxuä ihõkübü pe naä papel kää ipiro ko nĩ?

4. Hanõtxi rubä, ratxinĩ Djeoromitxi hinõ bümĩ?

5. Aro күdje, Adji күdje, Arotõ күdje nĩ, irabi hatxibe hihõnĩĩ bekü enĩ djenõna nõtxe uhõhõ be?

**CAPÍTULO II – ARTES E ALIMENTOS
TRADICIONAIS DO POVO
DJEOROMITXI**

Hote



Ätī hinīhunōnōê

1. Hinīhunōnō ko.

a) Adje hote howää hōnōhū? Hatxinī adje hote nē?

ä) Hūa hote änōa, tetxi, hotō, aro, adjī, akure? Hūa hire?

e) Hatxi nōkūnē hirū hote howä?

i) Hatxibe hihü hote howää batī txe?

o) Arotō, akure rabi hatxinī Djeoromitxi hote howää hōnōrū?

ü) Hatxibe hirüwewe hote howä?

2. Hikäbū hote hōnōrūa kudje na ä ahōnōbabüä bātī, ahōnōpabüa hōkübü pe nī?

Bziru i



Ätĩ hinĩhunõnõê

1. Hipiro nõtxiä hũa bzirutä nõnõ psirutõää?

2. Hũa bziruta djepea?

3. Bsiru i hõpea hauwenĩ hire, hatxiä djepari?

4. Hatxi hōna bziru-iä?

5. Hipfo kakärüa bziru-ia hōnaa tōhī-ko?

6. Mīnō rürü tōhī ko inē iäbidji nī?

7. Hatxinī hipfo bziru-iäa habäru?

8. Hanōtxi rabi, hatxinī bziru-i djeänō Hikurua-ä? Opätxuä ipirowakunī papel kä ä iko?
Ibzitō nōtxe ite enī abe kohäna änō dje?

KUBE



Ätī hinīhunōnōnê

1. Adje kube neä hōnōrū?

2. hatxi djiä dje hihü kube nê?

3. Hatxi kube nere-ma?

4. Húa bitä pahe ka koa?

6. Pahe kube hüdje kupfü enī, naä iitxitxe ite, ihönörüa be ahönöpabüä bätī?

Djirütätä ta da bziru iä



Ätĩ hinĩhunõnõê

1. Hanõtxi kũdje irabi hatxinĩ ta djeãnõ hikuruää. Opã txuã ipiro wa na ä iko papel kää,ite enĩ iãnõä dje?

Bore rowa



bore mane txirukü wewe

Notxeree bore mane txirutöküwewe

Txirutöküwewe nñhōtxeree abore mane

Txiruküwewe txiruküwewe.

Ätī hinīhunōnōê

1. Abore txiru?

2. Hatxi rowa?

3. Adje hirowa rânë wa? Hatxi?

Mĩnõ mēhä



Nĩnõ mēhä pfoädje, tutu hirü nĩnõ bã. Pe nõtxe hirü kupfũ enĩ hõanĩ äre. eä mēhä pitxe txetxeä rutxe hautxe txi djihä bãpari parikũ nĩ, do nõtxe hautxetxi pehä txeohä ninõ txi pfohä, txitxi, bore, bu, tokä kũnĩä.ni hirü minõ mehä pfo.

Ätĩ hinĩhunõnõnê

1. hinĩhunõnõ-ko hipiro änõ kunĩ.

a) Hatinĩ hikäbũ mĩnõhi?

ä) Hatxinĩ hinĩkä ä hirü mĩnõ mē?

e) Hatinī hirūwewe mīnō pfo?

i) Minō djepfoa tōhi ko?

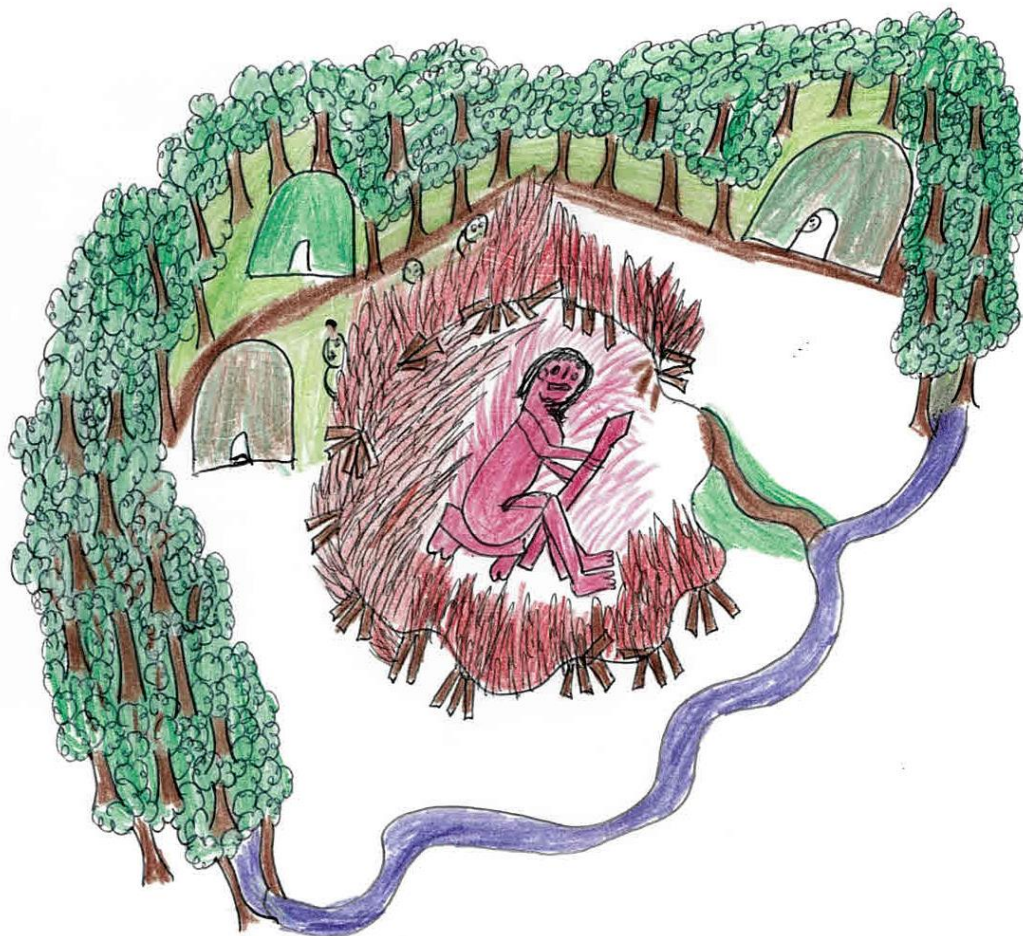
o) Mīnō hibe pfohātō djiri kabuää tōhīko ko?

2. Ätī nīnō tōhī ko ibzitō wewe?

3. Minō djimëa tōhiko?

4. Ätī minō tōhī ko hibe pfohātō djiri kabuää?

Tôhô



Tôhõ tõää hiruwewe hipfopsihi be pfohä pahäkühäre. Naä hanõtxi txi djepiro hümane tõhõ djepariäine nĩ djepiro, pitxe ki djema käheä, pitxe txi kihä üri, txetuhä nõtxe djewewe ma djema ti hibünĩä pfunĩ, naä djema ti kunĩ pitxe enĩ hu djema nĩpe, haku te kunĩ hõna pitxe bää nõruru hõika bänõtxe pitxe txeutxi hukükü djema raküri, djema nĩpi hõküi, iraku inĩpe pitxe txeoä djepari djema änõ kunĩ djepiro camane kõne tarü, pfõdji ahõtxenõine, tõtxeine huküküine, karuwi dudu bsirutä enĩ hu patxiru tõraneä hukükü txepe txepe, haä haä häterü. Nĩne tõhõ hiroto pahäre nĩkurü kanõ txiä bätĩ hikamĩkүнõnĩä nõtxe ehõkübü waä dje.

Ätī hinīhunōnōnē

1. Hipiro anō eākohā kohā nī.

a) Hūa tōhō djeparia?

ä) Hatxibe küro tōhō ä djepariä tōihe?

e) Tōhō hōnītī rū?

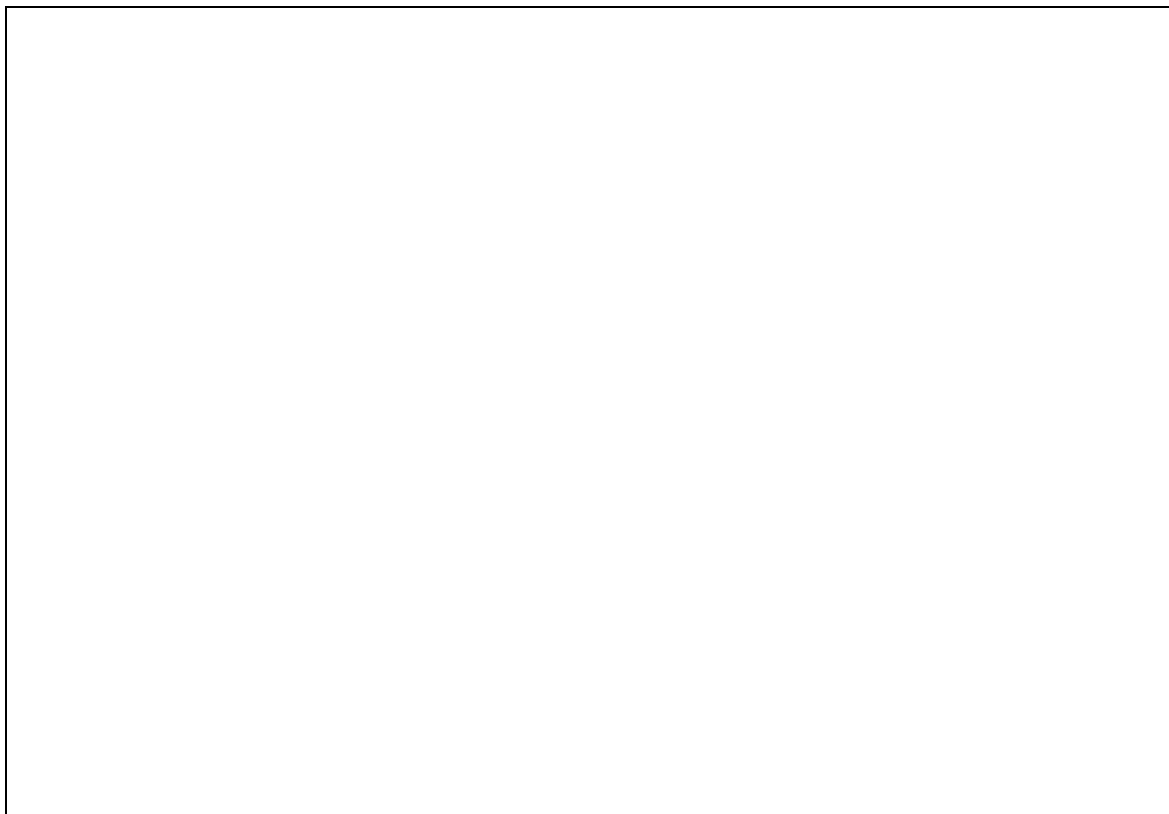
i) Hatxinī tōho kōaä djepiro?

2. Hipiro pe abe änōhätō?

3. Hipiro ne newe hipiro titiä.

ta - tä - ti - to - tü - tu

4. Tõhõ ne, eäbidji nĩ.



kutxi paka



Kutxi paka ku ta djeparia, pahakürere, natobo irawa, ika, hõku nõtxe hitumĩ para re, hinõtxi kähopsihi pakä bita ra epföädje, pire, erowe, hõtxi, bitxi, miro, iriki, peri, e bzitõwewe. Ehe naä kutxi pfõhä. Bitätxu hürema mĩtä, iriki, erowe mĩtä pĩtõ pahäkühäre nĩkurü irüre txunĩ, irüre burla ma imĩtä dädäa, kabikä-ma ta ku oto e kuku wäo, tõhõ txi pfõhĩ, pfõhi, pfõhĩ naä kutxi hõkü bzirutä kakünĩ naä taä djepari. hotxi iänõa, hotõ kure na pakä, rio branco na nõbeä pahäre, ipaka-ma atĩ ere kuruä. nĩ ne hotxi tätxi piro nõtxire.

Ätī hinīhunōnōnē

1. Hipiro anō eākohā kohā nī

a) Hūa ta pfōa?

ä) hūa ta pfōa batīa?

e) hadjo kutxi paka paka?

i) hūa hipiro nōtxi pabūa?

o) hatxinī rio branco tōhī hipiro ä?

ü) Ätī hadjo kutxi paka paka?

u) Newe hipiro hatxinī itōhī?

2. Hipiro katete ko.

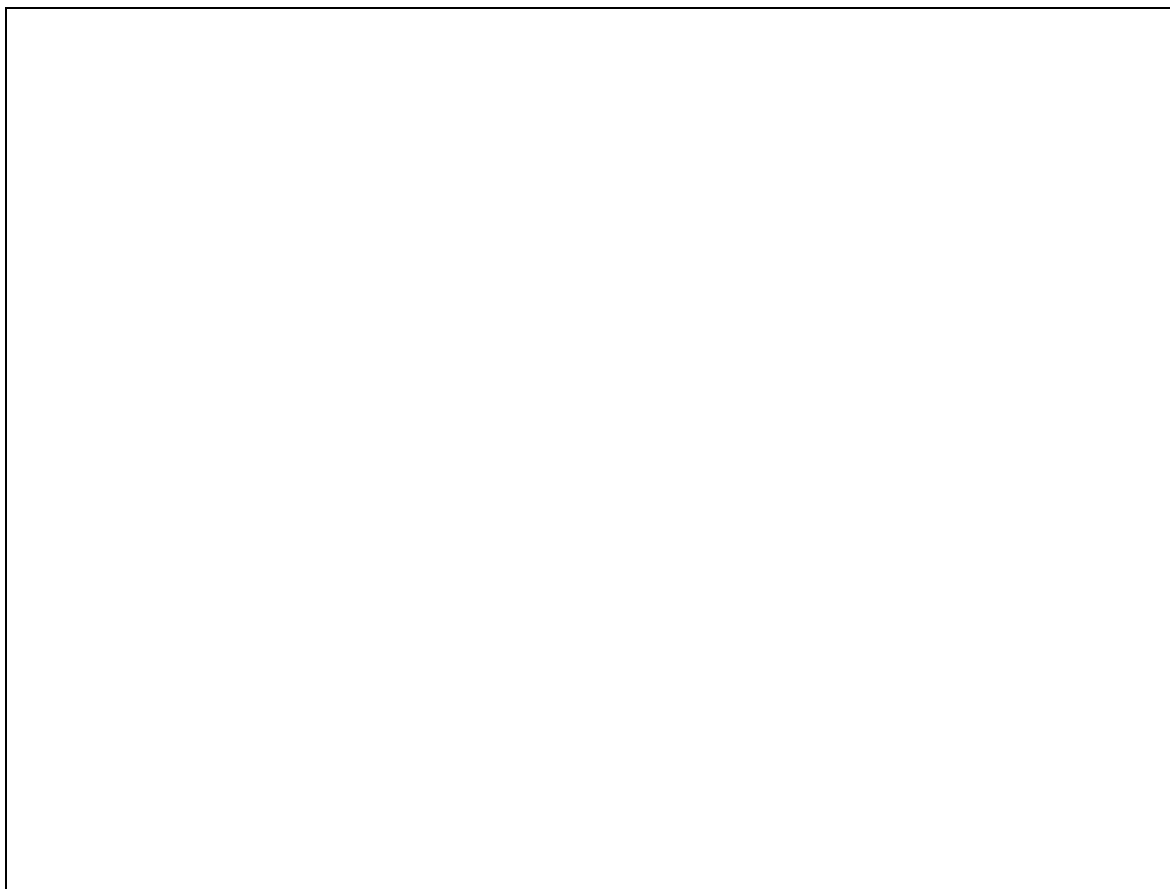
a) Kutxi paka_____.

ä) Hūa hōkūa kutxi paka rapa kunī_____.

e) Hū kāropsihi kāwewe nō hea_____.

3. Bitä tōhī ko ibzitō wewe hipiro ä?

4. Ku ko iäbidji nĩ.



Küro djepariä dje

Hipfopsihi küro tōä, hipfo pahäkühäre hōika nōtxe djiri hukükü bikutxe hiteä tōihe, kuku ätō nī. Na änōä kunī, irüteurütxi bziru ī tenī, ku nuhunarü tenī kürorüä dje, bziru tenīama koikabä notxe bziru kürotxi hukükü, padji nō bziru nōbeä, notxe idjütō ma hotō enī dje. Tō djepe na ä erubä hotō hüma anīhu tōihe nōnīne, djepiro nōtxe küro ma aküro ödje neuwenī adjeküki, tō djepe hōna küro bāküküä, tō hūro ma eheku padji nōä kunī, eheku kunī enīhu kakünōnō ò kubi hibe änōhätō ò ebzitō wewe, Ba nōtxe küro ma bihe hu bziru īä, hōīka räneä bihe hirüteurü nīru ī. Naä ätī hirūwewe küro rü, hikäbü wi hübiä, djirütätä wi djenō nōtxe. Hipfopsihi ma tümī paheriä edjepariä nī. Naä hirübi ma pimē, nīpa ma pimē nī.

Ätī hinīhunōnōnē

1. Hipiro anō eäkohä kohä nī.

a) Hatxinī Djeoromitxi kürorü?

ä) hūa irüteurü küro īa?

e) Hūa hikäbü pfoa bikutxe?

i) Hatxibe irüteurü küro küdje?

o) Hatxi küro nō nōä?

2. Ätī hipiro änō kunī iko iäbidji nī.

3. Arotô akure küdje irubä hatxinī Djeoromitxi kürorü.

4. Hipiro ranê dji iänöä kunī?

Djeoromitxi rowa



Pabekatxi

Pabekatxi bo

hōrawä rawä

hōrawä rawä

bsiruitxi nōberi

hōrawä rawä

hōrawärawä

Hotō

Hotō matxe pari parikü

Hotxi matxe pari parikü

Tetxi matxe pari parikü

Nĩ matxe pari parikü

Pfõõ matxe pari parikü

wee matxe pari parikü

Pfõdji matxe pari parikü

wira matxe pari parikü

Apiro

Apiro medjüro

uitxi-nĩ nõhã-nĩ

apiro medjüro

uitxi-nĩ nõhã-nĩ

nõhã-nĩ nõhã-nĩ

Apiro medjüro

uitxi-nĩ nõhã-nĩ

apiro medjüro

uitxinĩ-nĩ nõhã-nĩ

nõhã-nĩ nõhã-nĩ

Hipiro rane wa

1. Hipiro katete para.

menĩmĩ – nŏmĩ – beibsia – kupsi – hŏa – teri – kudi – tekati – warurei – djedje – wa – pahe
– hawahiri.

2. Hipiro Katia ko.

a) _____

ä) _____

e) _____

i) _____

o) _____

ü) _____

u) _____

b) _____

d) _____

dj) _____

h) _____

m) _____

n) _____

p) _____

k) _____

r) _____

pf) _____

t) _____

tx) _____

w) _____

bz) _____

3. Hipiro djepari ere piro.

a) Wa kudi ritxi.

ä) Menĩmĩ kũnĩtxe kũdje ku rapa ri Dudu.

e) Warurei kupsi nõbitõ, paro bũ nõtxe.

i) Hõa bziruiä hõbetikũ mĩnõma ko.

o) Teri onõ ka kanĩ wão.

ü) Tekati ore ka wão ehõ koã dje.

Tradução dos textos

Hipiro djeparia

O surgimento da mandioca



Antigamente o povo Djeoromitxi não tinha mandioca, um dia o homem foi caçar com seu filho e no caminho encontrou um bando de porcão, logo em seguida pediu para seu filho subir em uma árvore, o filho obedeceu seu pai e com ajuda de seu pai subiu na árvore, em seguida o pai do menino foi atrás do bando de porcão para matá-los, matou um porcão. Então, logo em seguida voltou para descer o seu filho que estava em cima de uma árvore, mas não a encontrou. Desesperado, o homem começou a procurar a criança, porém não achou. Então, ao chegar debaixo da árvore, onde havia deixado a criança, só viu o quebrado das matas, assim ele olhou para lado e para outro e só viu um pedaço de um dedo da criança desesperado, então ele pegou o pedaço do dedo da criança e levou para casa e passou o resto do dia chorando desesperado. Passados três dias chorando, numa noite ele dormiu e sonhou com seu filho dizendo: — Pai, não chora, que eu estou bem! — Plante o pedaço do meu dedo no meio da roça que vai nascer uma planta chamada mandioca. O pai da criança acordou e começou a chorar até o dia amanhecer. Então, chorando, ele foi até a roça plantar o pedaço do dedo da criança. Depois de quatro dias, brotou uma planta com o nome de boré (mandioca). Assim surgiu a mandioca na visão tradicional do povo Djeoromitxi.

Árvore de pedra



Contavam meu pai, kubähi jaboti kurupfû, e minha mãe, wadjidjika arikapu, que meus avós diziam que na Terra Indígena Rio Branco havia um igarapé chamado Areko do povo Djeoromitxi, que é hoje chamado de Rio Branco. Meus avós contavam que na margem daquele igarapé havia uma árvore de pedra; ninguém poderia dormir debaixo dela até porque, quando caíam as folhas, a flor e a fruta, matavam a gente que ali por perto estava. Um dia os nossos deuses, Kâropsihi e Kâwewe, após contato com os homens, foram visitar a árvore de pedra. Eles logo condenaram a árvore e mandaram derrubá-la, porque ela iria matar muita gente. Então eles chamaram os pássaros da floresta como: arara, maracanã, papagaio, periquito, curica, pica-pau e outros, para trazer o seu próprio machado que era seus próprios bicos, pois eles eram gente antigamente. Meus avós contavam também que os pássaros de hoje que têm o bico pequeno são os pássaros que quebraram os seus machados na derrubada de árvore de pedra e os pássaros que têm o bico grande é sinal que o seu machado não quebrou durante a derrubada de árvore de pedra. Durante a derrubada, os mosquitos entravam nos olhos dos pássaros. Passaram três dias para derrubar a árvore de pedra, mas quando ela foi derrubada, esparramou pedra

para todos lados: as folhas, fruta, flor, galho e outras partes das plantas viraram pedras. Meus pais contavam que até hoje existe o tronco dessa árvore de pedra na beira do Rio Branco com todas as marcas de machado de como ela foi derrubada. Hoje minha mãe pensa que o tronco de árvore está no fundo do rio com as represas que foram construídas.

Para virar pajé



Há muitos anos atrás, o povo Djeoromitxi não tinha pajés, assim, nessa época, os bichos comiam várias pessoas: adultos e crianças. Um dia os jovens Djeoromitxi se reuniram e tomaram uma decisão de esperar o rio e a árvore grossa para ver o que iria acontecer. Os jovens fizeram o jirau por cima do rio, depois de pronto voltaram para suas casas. Chegando à tarde, eles voltaram novamente, desta vez para cumprir a missão, que era passar à noite inteira acordados para ver o que iria acontecer. Meia noite aparece o pajé do fundo do rio, fumando seu tabaco enrolado na palha de milho. Um dos corajosos jovens disse:

— Eu vou lá falar com eles.

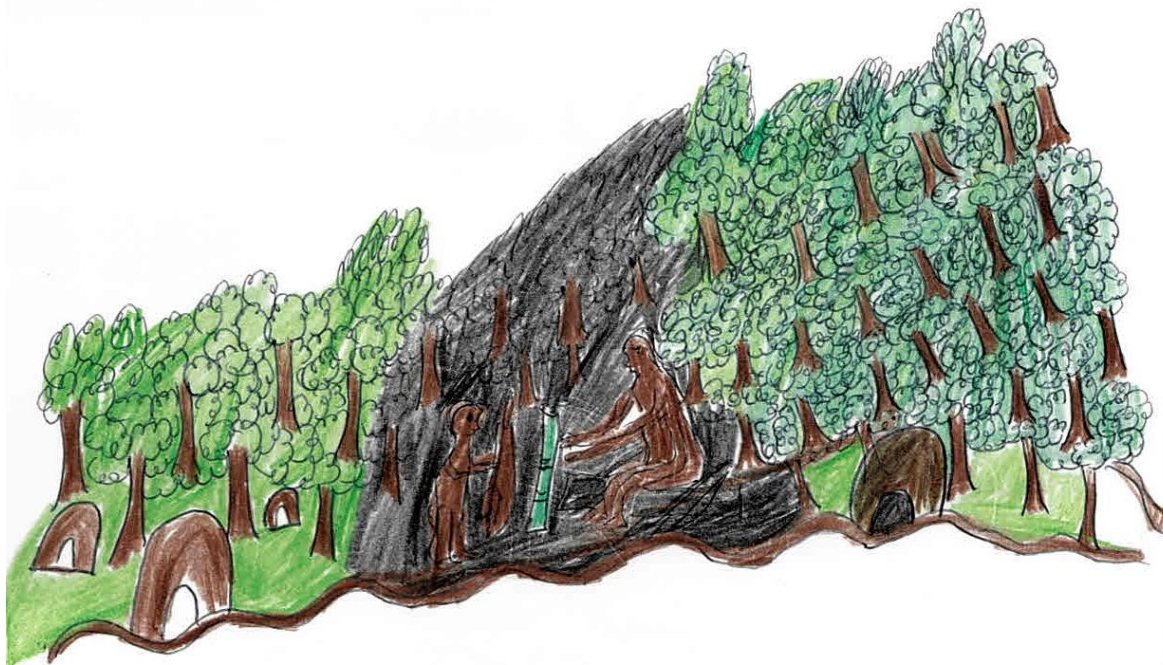
Chegando lá, ele viu seis velhinhos sentados, fumando tabaco, então logo ele disse:

— Vovô, eu quero sua mão, os pajés do rio não se recusaram e foram respondendo:

— Senta aqui, neto, na minha frente, pois eu vou te dar meu poder, para você ficar igual a mim. Logo começou o ritual com os jovens Djeoromitxi, recebendo as instruções de como é o comportamento de um pajé na comunidade e as comidas que eles podiam comer

durante sua formação. Durante um mês, o jovem Djeoromitxi estava pronto para cuidar do seu povo, tanto na enfermidade física como na espiritualidade. Assim surgiram os pajés na nação Djeoromitxi.

Quando não havia noite



Quando surgiu a humanidade, não havia noite, o sol ia e voltava durante o dia, então não escurecia. Um dia kãropsihi e kawewe disseram:

— Vamos até a casa do morcego velho para ver se ele consegue para nós um pouco da noite, ele tem guardado na taboca. Um dia, os dois saíram em busca da noite andaram o dia todo, chegaram na casa do morcego velho, quando olharam dentro da casa estava muito escuro, logo falaram vovô, deitado numa rede meio diagonal, ele respondeu oi meu neto, levantou-se da sua rede, fez o ritual e pegou a escuridão e colocou numa taboca e tampou com a cera de abelha, logo a casa ficou clara. Depois de muita conversa, kãwewe falou:

— Vovô, nós viemos pedir para o senhor um pouco da noite que o senhor tem, ele respondeu:

— Tudo bem, leve essa taboca mais pequena. Ele pegou e deu a taboca da noite para kãwewe que a pegou e entregou para kãropsihi, ao entregar a taboca da noite, o morcego velho disse:

— Não vão destampar no caminho não se não vocês vão ficar no escuro, avisou, os dois saíram caminhando pelo caminho longe da casa do morcego kãropsihi falou:

— Vamos ver se e verdade que escurece? Então pegou a taboca a destampou e logo em seguida a noite chegou, ficaram os dois no escuro sem saber o que fazer, kãwewe disse:

— E agora vamos dormir, você virá nambu relógio e eu viro nambu pé de serra e assim passaram a noite. Quando a madrugada chegou, o nambu relógio cantou primeiro o nambu pé de serra cantou e depois pediu para o gato comer o nambu relógio e o gato pegou mesmo o nambu relógio, só se escutava o batido das asas. Como dizem que antigamente ninguém morria, então nambu relógio, que era kãropsihi, ressuscitou. Então, ao amanhecer, os dois se encontraram e kãwewe disse:

— O gato não te pegou? E kãropsihi disse:

— Não, pegou nambu relógio.

Em seguida voltaram para pedir ao morcego velho uma noite mais comprida, chegado lá, o morcego entregou uma taboca da noite mais comprida, logo em seguida voltaram para casa, e só destamparam quando chegaram em casa. Esse é a história do surgimento da noite para o povo Djeoromitxi.

Quando não havia caça



Quando surgiu a humanidade, não havia caça, o povo Djeoromitxi se alimentava de cobras todos os dias; os homens Djeoromitxi saíam para caçar as cobras, procuravam lugar mais serrado para encontrá-las. Eles flechavam as cobras, assim as moquecavam e as levavam para suas casas, para comer com a família.

Um dia uma pessoa muito ruim, que não gostava de compartilhar com os colegas, saiu junto com os companheiros para caçar, chegando no lugar de procurar a cobra, os companheiros disseram, um perto do outro:

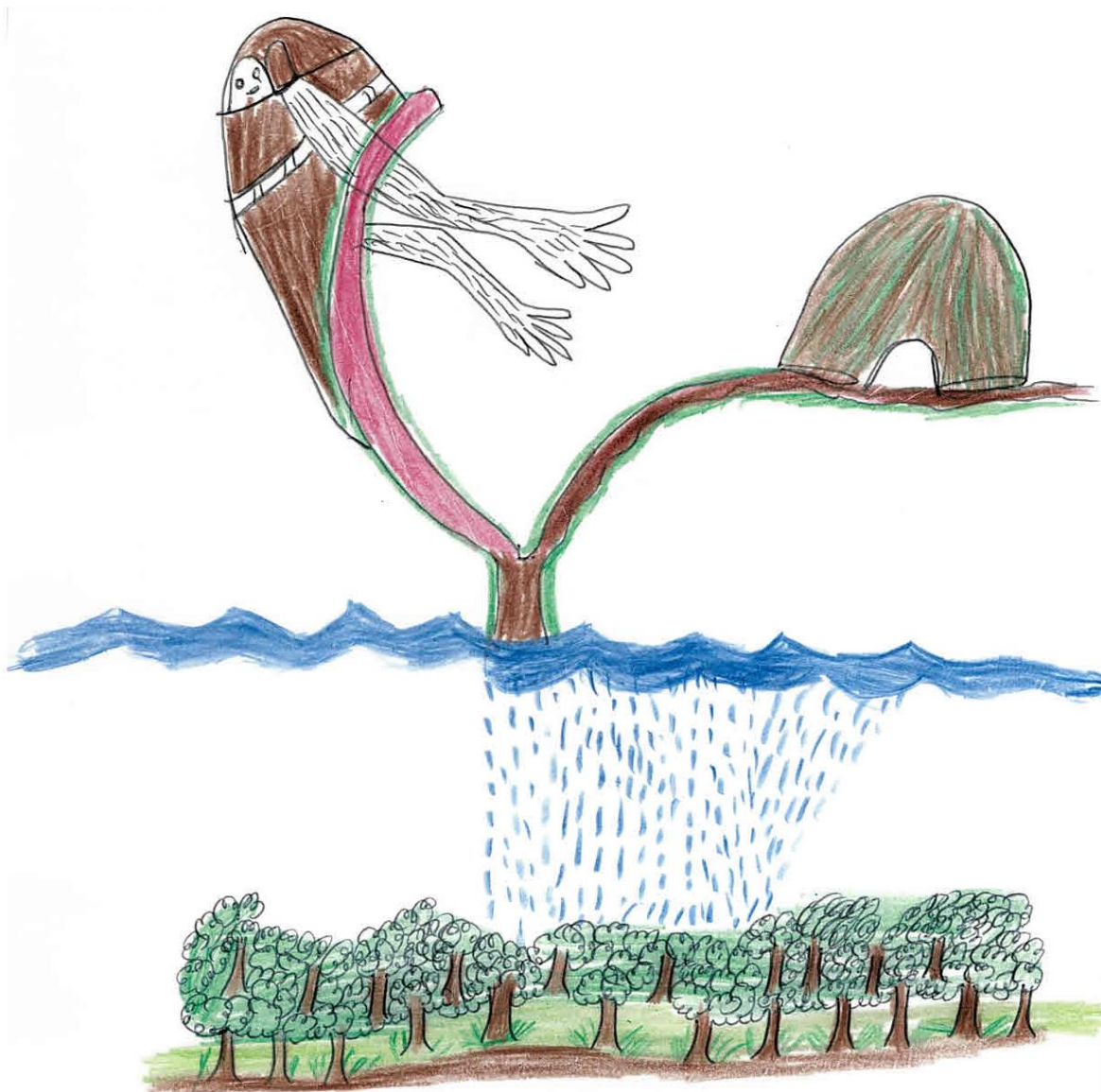
— Que quem achassem primeiro a cobra, assobiará ou gritaria. Depois de combinado, saíram em busca da cobra. Esse caçador achou uma jiboia bem grande, mas não chamou os colegas, logo começou a tirar a palha de uma palmeira, que chamamos de aricuri, assim, sentou de costa para cobra e começou a fazer o cofo; a jiboia já brava começou a estrondar, e o homem dizia:

— Fica calada que o fogo está em casa te esperando.

O homem nem olhava para trás, aí a cobra se arrastou para perto do homem e o engoliu.

Os colegas sentiram a falta do homem e começaram a assobiar e gritar, porém ninguém respondia; vários homens Djeoromitxi se reuniram no mato e foram à procura, encontraram um caminho e seguiram. Chegando uma moita, viram uma jiboia bem grande. Logo perceberam porque a barriga da cobra estava muito grande. Então, os guerreiros Djeoromitxi começaram a flechar até matar a fera; cortaram a barriga da cobra e tiraram o corpo do homem e botaram o fogo na cobra. Depois eles o levaram para aldeia para enterrar, por este motivo os Djeoromitxi não comem mais a jiboia.

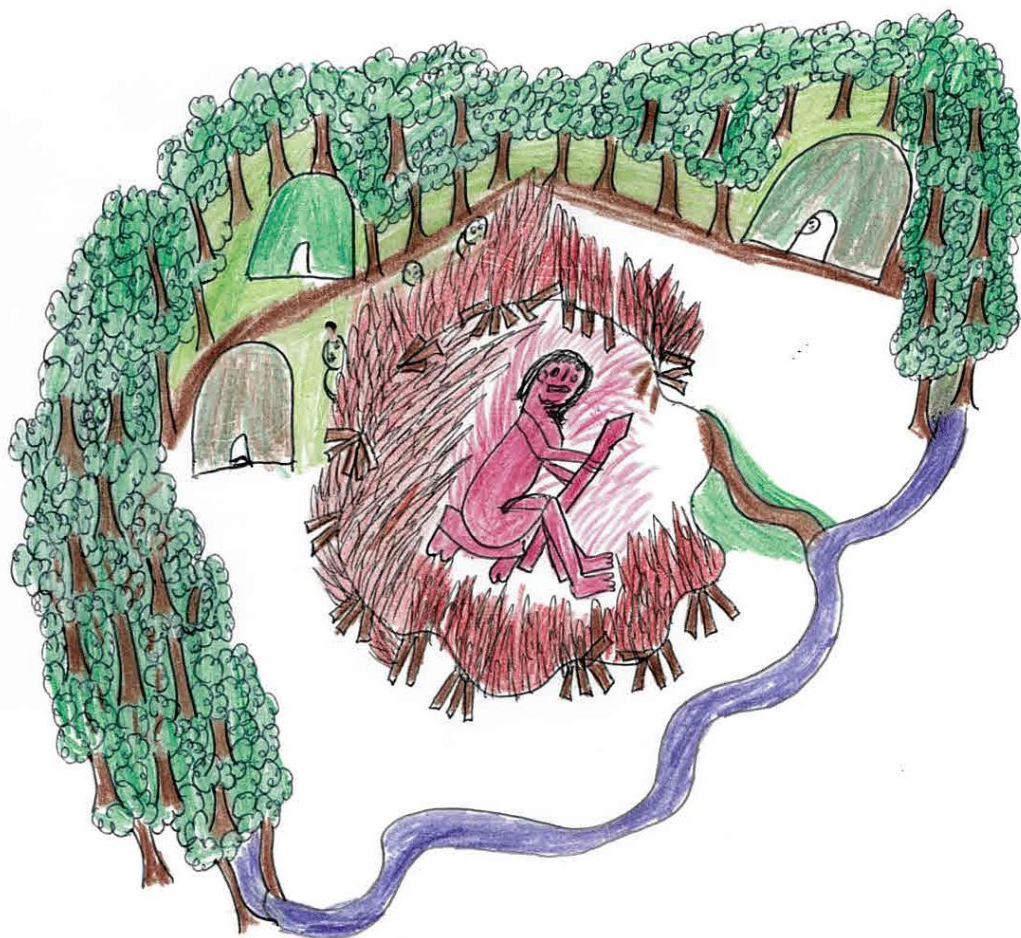
Nosso espirito



Contava meus pais quando os Djeomitxi morrem seus espirito vai direto para o céu, lá ele tem uma casa para viver a vida eterna. Chegando lá no céu, ele tem dois caminhos para seguir: o caminho do bem e o caminho do mal. O caminho do mal é muito mais bonito do que o caminho do bem; quem faz o mal aqui na terra não é perdoado, assim seu espirito vai direto para casa do mal, lá ele vai ser devorado pelo um bicho chamado Beraparitxi. Ele tem um braço muito comprido que alcança o espirito muito longe de sua casa.

Quando a gente é bom aqui na terra e morre, o nosso espírito vai direto para o céu, chegando lá ele olha e ver logo o beraparitxi acenando com suas mãos, mas não dá atenção, segue andando no caminho, quando aparece o espírito de alguns parentes que já morreram, como avós mãe pai ou alguém da família, pega nos seus braços e abraça e chora, assim segue até a casa, quando chega lá, alguém da casa dá um banco para ele sentar. Quando ele senta, aqui na terra os parentes escutam o estrondo logo vão dizendo ele já chegou e começa a chorar. Assim segue o espírito dos Djeoromitxi vivendo a vida eterna no céu.

O sol



Meus pais me contavam que seus avós diziam que antigamente não existia sol forte como hoje. O sol que existia era um pajé que se transformava no sol para clarear, pois o dia ia e voltava, não escurecia, só que esse pajé tinha um problema: gostava de namorar mulher dos outros, então um dia o povo se uniu e mataram o pajé namorador.

Quando ele morreu, os não humanos chegaram nas casas comendo criança, adulto; as mulheres gestantes viravam onças e comiam os maridos, tudo se levantaram até ossos dois animais que já tinham sido comidos, como de porco, anta, veado e outros animais, tudo virava onça para comer o povo.

Na aldeia havia um pajé bem velhinho, ele convidou a comunidade e disse para meus parentes:

— Eu vou virar sol, pode tirar lenha para mim?

A comunidade em peso foi tirar lenha à noite, porque o antigo sol tinha morrido, após o pajé anunciar sua proposta, os bichos pararam de comer gente.

Os povos, após carregarem com as lenhas, fizeram o fogo, o pajé passou o óleo vegetal misturado com urucum nos seus corpos inteiros, pegou o seu banquinho, espada e entrou no meio da fogueira. A fogueira foi queimando e o pajé foi ficando bem vermelho até sair o fogo por todo lado, quando isso aconteceu, ele se levantou e disse:

— Parentes, eu agora já estou indo, nunca mais eu voltarei para cá, vou ser a luz para sua sobrevivência; para vocês poderem plantar, caçar, mas não faz muita queimada se não vocês vão arder meus olhos. Disse também:

— Ao chegar meio dia, joguem chapéus com penas de araras e urucum para fortalecer sua claridade. Assim surgiu o sol na história Djeoromitxi.

A mulher que se transformou em porco



Anteriormente as mulheres Djeoromitxi costumavam sair de casa para tirar argila para fazer panela e prato de barro. Um dia a mulherada se reuniram e saíram em busca de tirar argila, entre elas estavam as crianças. Elas andaram até chegar ao local, chegando lá começarão a tirar barro, ao seu redor as crianças brincavam despreocupadas, quando apareceu um pajé e disse:

— O que vocês estão fazendo?

Falou o pajé. Quando as mulheres quiseram responder, saíram correndo em forma de animal caititu e os meninos saíram correndo atrás das mães, nunca mais voltaram para casa. É por isso que hoje existem vários caititus espalhados na floresta.

Referências

BRAGGIO, Sílvia Lucia Bigonjal. **Estudos de Línguas e Educação Indígena**. São Paulo: Pontes, 2019.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COUTO, Fábio Pereira; SABANES, Ivonete. Aspectos sociolinguísticos do ensino e do uso da língua Sabanê na aldeia Sowaintê, da Terra Indígena Parque do Aripuanã - RO. Relatório de pesquisa. In: **Linguística Antropológicas**, Brasília, UnB, v. 10, n. 2, dez. 2018.

D'ANGELIS, Wilmar. **Aprisionando sonhos: a educação escolar indígena no Brasil**.

_____; Veiga, J. (Orgs.). 1997. **Leitura e escrita em escolas indígenas**. Campinas/São Paulo: ALB/Mercado das Letras.

DJEOROMITXI, André Kodjowoi. **O fortalecimento da língua e cultura Djeromitxi a partir da formação dos professores**. Ji-Paraná-RO: UNIR/DEINTER, 2015.

FLEURI, R. **Educação intercultural: mediações necessárias**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FRANCISCO, Edvirges Albuquerque. **Ensino de línguas em diferentes contextos**. São Paulo: Pontes, 2018.

MONSERRAT, R. M. F. 2006. Política e Planejamento Linguístico nas sociedades indígenas do Brasil hoje: o espaço e o futuro das línguas indígenas. In: **Formação de professores indígenas: repensando trajetórias**. Luís Donisete Benzi Grupioni (Org.). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, p. 131-154.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. 4. Ed. São Paulo: Loyola, 2002.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.

VAL, Maria da Graça Costa; MARCUSCHI, Beth (Org.). **Livros didáticos de Língua Portuguesa: letramento e cidadania**. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2005.